



Escola de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Distorções Cognitivas em Agressores Sexuais: Um Estudo Comparativo

Inês Sousa e Silva

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores

Orientadora:
Professora Doutora Rita Jerónimo, Professora Auxiliar,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Co-orientadora:
Professora Doutora Cristina Soeiro, Especialista Superior,
Escola de Polícia Judiciária, Gabinete de Psicologia e Seleção

Outubro, 2013



Escola de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Distorções Cognitivas em Agressores Sexuais: Um Estudo Comparativo

Inês Sousa e Silva

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores

Orientadora:
Professora Doutora Rita Jerónimo, Professora Auxiliar,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Co-orientadora:
Professora Doutora Cristina Soeiro, Especialista Superior,
Escola de Polícia Judiciária, Gabinete de Psicologia e Seleção

Outubro, 2013

Agradecimentos

Gostaria de agradecer toda a disponibilidade da Professora Rita Jerónimo e Doutora Cristina Soeiro, por toda a orientação e ajuda prestadas. Sem tal seria impossível prosseguir nesta jornada.

A mesma gratidão devo à Professora Clara Barata, que foi incansável em todos os auxílios que me prestou.

Um agradecimento especial também ao Centro de Formação Profissional da Indústria da Construção Civil e Obras Públicas do Sul, tanto aos seus formandos como à direção que tornou possível a recolha dos dados.

Por último, mas não menos importantes, quero agradecer a toda a minha família por estarem presentes e acreditarem em mim. Aos amigos que estiveram ao meu lado durante toda esta caminhada.

Obrigado Pedro, por todo o apoio incondicional.

Um grande e sincero obrigado a todos os que tornaram isto possível.

Resumo

As distorções cognitivas são um constructo cada vez estudado na área da criminalidade sexual violenta. Embora a sua importância seja inequívoca, é necessária a integração de outras variáveis, cuja interação facilita a passagem ao ato de ofensa sexual. Como tal, este estudo visa compreender o que desencadeia estas ações por parte dos ofensores, estudando a contribuição das distorções e empatia, e como estas interagem entre si. Foram recolhidos dados junto de estudantes universitários, em várias universidades de Lisboa e Margem Sul do Tejo; e reclusos, num Estabelecimento Prisional. Todos os participantes foram do sexo masculino. Ambas as amostras preencheram questionários que visavam medir as variáveis em estudo. Foi realizado um teste t para amostras independentes para verificar as diferenças das distorções entre as amostras, confirmando a existência de diferenças significativas no Desespero/Desamparo e Pessimismo. Uma regressão logística foi concretizada para apurar os efeitos diretos das distorções e empatia no comportamento sexual agressivo, não existindo evidências estatísticas que apoiem esta hipótese. Por fim, o coeficiente de correlação de Pearson não confirmou a existência de correlações negativas significativas entre os índices das distorções e da empatia. Apesar destas hipóteses não terem sido confirmadas, a conclusão vai de encontro à ideia exposta na literatura de que para compreender este fenómeno é preciso uma perspetiva multidimensional. Por esta razão, o objetivo inicial passava por testar um modelo teórico complexo com as variáveis de psicopatia e impulsividade, para além das mencionadas no presente estudo. Contudo, a reduzida dimensão da amostra foi impedimento para tal.

Palavras-chave: Distorções Cognitivas, Empatia, Agressores Sexuais, Comportamento Sexual Agressivo.

Abstract

Cognitive distortions are a construct increasingly studied in sexual offending area. Although its importance is clear, it's necessary to integrate other variables, whose interaction facilitates the passage to the act of sexual offense. As such, this study aims to understand what triggers these actions, studying the contribution of distortions and empathy, and how these interact. Data were collected from college students at various universities, and inmates in prison. All participants were male. Both samples completed questionnaires aimed at measuring the variables. A t test for independent samples were conducted to verify the differences in distortions between samples, confirming the existence of significant differences in Despair /Helplessness and Pessimism. A logistic regression was completed to determine the direct effects of distortions and empathy in aggressive sexual behavior, with no statistical evidence who support this hypothesis. Finally, the correlation coefficient of Pearson didn't confirm the existence of significant negative correlations between the indices of distortions and empathy. Despite these hypotheses haven't been confirmed, the conclusion goes toward the idea set out in the literature that to understand this phenomenon it's necessary a multidimensional perspective. For this reason, the initial goal was test a complex theoretical model with psychopathy and impulsivity, in addition to those mentioned in this study. However, the sample size was impediment to such.

Key-words: Cognitive Distortions; Empathy; Sexual Offenders; Aggressive Sexual Behavior.

Índice

Introdução.....	1
Capítulo I – Distorções Cognitivas em Contexto Criminal.....	5
1.1. Papel Funcional e Disfuncional das Distorções Cognitivas.....	8
1.2. Distorções Cognitivas em Agressores Sexuais	10
1.3. Tipos de Distorções Cognitivas.....	12
Capítulo II – Modelos de Ofensa Sexual.....	15
2.1. Modelo de Abel, Becker e Cunningham-Rathner (1984).....	15
2.2. Teoria Integrada de Marshall e Barbaree (1990).....	16
2.3. Modelo de Atribuições do Estado Mental de Ward, Keenan e Houdson (2000)	17
Capítulo III – Presente Proposta.....	19
3.1. Empatia.....	20
3.2. Impulsividade.....	23
3.3. Psicopatia.....	25
Capítulo IV – Objetivos e Hipóteses de Investigação	29
Capítulo V – Método	31
5.1. Participantes	31
5.2. Instrumentos	32
5.3. Procedimento	33
Capítulo VI - Resultados	35
6.1. Análise Fatorial Exploratória.....	35
6.2. Comparação das Distorções entre Amostra Forense e Amostra Normativa.....	36
6.3. Efeito das Distorções no Comportamento Sexual Agressivo	37
6.4. Efeito da Empatia no Comportamento Sexual Agressivo.....	38

6.5. Correlações entre Distorções e Empatia.....	39
Capítulo VII – Discussão.....	41
Conclusão	45
Referências	47
Anexos	53

Índice de Figuras

Tabela 6.1.	38
Tabela 6.2.	39
Tabela 6.3.	39

Introdução

“To fully understand the nature of human aggression and violence, we must understand how it functions at the level of cognition”
(Sestir & Bartolow, 2007, p. 158).

Os crimes de ofensa sexual são uma problemática cada vez mais comum nos nossos tempos, verificando-se um aumento dos casos reportados às autoridades competentes (Vieira, 2010). Se o aumento do número atual de situações cógicas já causa alguma inquietação, o fato de nem todos os casos serem conhecidos e sinalizados aumenta essa preocupação e consternação (Abel & Rouleau, 1990). Muitos desses casos não são relatados devido a vergonha por parte das vítimas, proximidade com o agressor, ou até mesmo pelos morosos processos judiciais em Portugal, tornando-se difícil a tarefa de atuar junto dos casos desconhecidos (Vieira, 2010).

Até aos anos 60, a Criminologia dava pouca atenção aos crimes sexuais. Porém, a necessidade de se compreender melhor este fenómeno a nível psicológico fez com que as áreas de Psicologia e Psiquiatria levassem a cabo estudos nesta área (Almeida, 1999). Existe, no entanto, uma lacuna no que diz respeito ao estudo dos agressores, já que a maioria dos estudos incide nas vítimas de ofensa sexual (Moura, 2007).

A necessidade de se estudar os perpetradores destes crimes prende-se com a importância de se desenvolverem teorias sobre o que os leva a cometer tais atos, quais as suas características e motivações. Essas serão as bases teóricas para as intervenções junto daqueles agressores, numa perspetiva de prevenção e tratamento, pois não se pode agir sem se conhecer os pontos fulcrais onde atuar (Ward & Beech, 2006). É neste sentido que têm surgido os mais diversos modelos explicativos da ofensa sexual, que integram diferentes variáveis, que interagem entre si na passagem ao ato (Ward, Keenan & Hudson, 2000). Os fatores associados ao desencadeamento de uma agressão sexual são diferentes dos responsáveis pela sua manutenção (Kirsch & Becker, 2006, citados por Thakker & Ward, 2012), sendo que o presente estudo se foca sobre o que motiva e desencadeia a passagem ao ato.

Grande parte desses modelos contempla as distorções cognitivas como uma variável importante na passagem ao ato, visto estas serem responsáveis pela formação de crenças desajustadas que legitimam os atos criminosos, desculpando-os, justificando-os e minimizando as suas consequências e gravidade, servindo de suporte para a ofensa (Crick &

Dodge, 1994). Essas distorções são formadas a partir de interpretações menos corretas de situações que ocorrem, que levam a pensamentos e julgamentos errados, e que interferem com o funcionamento normal dos indivíduos (Briere, 2000). No contexto da criminalidade sexual, estas funcionam como forma dos ofensores protegerem a sua autoestima e autoimagem, relativizando o seu comportamento e os danos infligidos às vítimas (Tangney, 1995).

Contudo, as distorções cognitivas em si mesmas não explicam a passagem ao ato de ofensa sexual (Vieira, 2010). Outras variáveis intervirão nesse processo, nomeadamente, a baixa empatia, a impulsividade, e a psicopatia.

A literatura faz referência à empatia como um dos principais fatores trabalhados nos programas de tratamento junto dos ofensores sexuais (Knoop, Freeman-Longo & Stevenson, 1992, citados por Covell & Scalora, 2001). A falta de capacidade dos agressores se colocarem no lugar das suas vítimas impedirá que estes se consciencializem das consequências dos seus atos, contribuindo para a manutenção desses comportamentos (Marshall, Hudson, Jones & Fernandez 1995). A redução da capacidade empática decorre de distorções do tipo minimização e negação dos danos causados (com o intuito de se protegerem), sendo a baixa capacidade empática que diretamente leva à ofensa sexual (Ward et al., 2000).

A impulsividade é outra variável que surge frequentemente associada à criminalidade pois baseia-se na incapacidade que o indivíduo apresenta em controlar os seus impulsos, agindo sem premeditação dos seus atos e suas consequências (Whiteside & Lynam, 2001). Os ofensores sexuais reagem ao estímulo externo, como sendo a presença da vítima, e a necessidade de gratificação imediata leva a que tenham dificuldade em exercer controlo sobre essa reação (Hanson & Morton-Bourgon, 2005; Prentky & Knight, 1986). Um estudo de Mobini, Pearce, Grant, Mills e Yeomans (2006) concluiu que a impulsividade prediz as distorções, na medida em que a incapacidade do indivíduo em não conseguir adiar a gratificação leva a que este estabeleça ideias erradas quanto às suas vítimas e potenciais consequências da sua ação, facilitando o comportamento sexual agressivo.

Por fim, a psicopatia é um dos principais aspetos estudados para compreender a criminalidade no geral, assumindo a ofensa sexual um lugar de destaque (Serin, 1996). De uma forma genérica, os indivíduos psicopatas aliam a vida sexual impessoal que os caracteriza às suas fracas capacidades empáticas como impulsionadoras das agressões sexuais (Fernandez & Marshall, 2003). Para atingir os seus fins, os psicopatas criam distorções que lhes permitem, uma vez mais, minimizar os efeitos negativos que essa ofensa tem para as

vítimas, resultando na falta de empatia que é fundamental na passagem ao ato (Marshall et al., 1995; Marshall & Barbaree, 1990).

Considerando o papel que tem sido atribuído a estas diversas variáveis no comportamento sexual agressivo, o principal objetivo do presente estudo passa por testar os efeitos de algumas dessas variáveis, nomeadamente distorções cognitivas e empatia, na ofensa sexual. Um segundo objetivo é o de explorar as distorções cognitivas mais frequentes nos agressores, comparativamente a uma amostra normativa, comparando também os níveis de empatia em ambas as amostras.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: Será primeiramente realizado um enquadramento teórico das variáveis em estudo, com base no qual as variáveis serão definidas e será proposta um modelo de relação entre elas e com a criminalidade sexual. A revisão de literatura terminará com a apresentação dos objetivos específicos do estudo e respetivas hipóteses. Será em seguida descrita a metodologia e procedimento adotados, que passa, de uma forma geral, pela aplicação de instrumentos, que medem cada uma das variáveis em estudo, a ambas as amostras, que perfazem no total 201 participantes na normativa e 84 na forense. Os resultados da investigação, sua discussão e conclusões seguir-se-ão. Os potenciais contributos, limitações e indicações/sugestões para estudos futuros na área encerrarão a apresentação deste trabalho.

Capítulo I – Distorções Cognitivas em Contexto Criminal

As distorções cognitivas têm sido identificadas como tendo um papel fundamental na perpetuação de comportamentos desviantes, antissociais e psicopatológicos, e são propostas como um dos fatores mais importantes para prever e tratar esses mesmos comportamentos (Crick & Dodge, 1994). Por sua vez, os comportamentos desviantes e antissociais, juntamente com valores e crenças antissociais, são os melhores preditores do recidivismo de crimes por parte dos adultos (Gendreau, Little, & Goggin, 1996, citados por Wallinius et al., 2011). Conclui-se assim que existe uma forte relação entre distorções cognitivas e atividades criminosas.

As distorções cognitivas decorrem de uma atividade cognitiva na qual todos nos envolvemos: a realização de interpretações acerca do que nos rodeia (do meio, dos outros e de nós próprios); é isso que nos permite adaptar ao mundo em que vivemos e às situações com que nos deparamos. No entanto, quando essas interpretações e significados são imprecisos ou distorcidos, interferindo com o funcionamento ótimo do indivíduo, levam a que este pense e atue de forma desadequada (Briere, 2000; Wallinius, Johansson, Lardén & Dernevik, 2011), correspondendo ao que se entende por distorções cognitivas. O conceito de distorção cognitiva foi inicialmente utilizado no contexto terapêutico da depressão para referir pensamentos idiossincráticos que indicavam conceptualizações irrealistas ou distorcidas (Beck, 1963). De uma forma geral, as distorções cognitivas são caracterizadas por um enviesamento no processo que medeia a entrada de estímulos informativos e as respostas comportamentais (Crick & Dodge, 1994). Assim sendo, as pessoas agem de acordo com aquilo em que acreditam, fazem atribuições causais e julgamentos de uma forma consistente com as suas crenças, reforçando-as (Ward et al., 2000).

Existem dois aspetos fundamentais no conceito das distorções cognitivas: a noção de estruturas cognitivas, que dizem respeito ao próprio conteúdo das distorções, como as crenças, atitudes e conceitos que se presumem estar na mente do indivíduo; e a noção de processos cognitivos, que está relacionada com a forma como a mente utiliza esses conteúdos e os manipula, e na forma como as estruturas cognitivas interagem com as informações exteriores (Ciardha & Ward, 2013). Ward, Houston, Johnston e Marshall (1997) acrescentam ainda o conceito de produtos cognitivos, que estão relacionados com as atribuições que os indivíduos fazem do que lhes rodeia, tendo assim influência nos seus comportamentos.

As distorções são então compostas por pensamentos que levam a determinados julgamentos e interpretações da realidade, pensamentos esses que são ativados automaticamente, não sendo necessária a intervenção de terceiros para tal acontecer (Beck, 1997). Esses pensamentos são construídos através de generalizações produzidas a partir da ocorrência de variadíssimos eventos com que os indivíduos se deparam no seu dia-a-dia, levando por sua vez a interpretações que nem sempre são as mais acertadas relativamente à realidade (Balhs & Navolar, 2004). Desta forma, as distorções possuem um caráter muito pessoal, formando-se com base em julgamentos individuais das situações e não no verdadeiro sentido objetivo dos fatos (Balhs & Navolar, 2004). Cada indivíduo possui assim as suas próprias estruturas, processos e respetivos produtos cognitivos, que resultam em diferenças ao nível do conteúdo das distorções e de todo o processo que as desencadeia (Ward et al., 1997).

No contexto da criminalidade, as distorções cognitivas aparecem como uma variável comum a indivíduos que cometem crimes, referindo-se a três diferentes fenómenos: atitudes e crenças que servem de suporte para a ofensa; processos cognitivos; e justificações ou desculpas para a ofensa (Maruna & Mann, 2006). Quer isto dizer que os indivíduos que têm determinadas distorções cognitivas, têm crenças desajustadas que legitimam os seus atos criminosos, arrançando assim desculpas ou justificações para esse atos, minimizando-os e perpetuando-os, eliminando qualquer responsabilidade assumida pelo indivíduo pelos seus próprios atos (Abel *et al.*, 1984, citados por Ward et al., 2000).

Do ponto de vista das justificações da ofensa, são as atribuições causais realizadas que servem como explicação dos comportamentos dos ofensores (Friestad, 2011). De uma forma geral, os indivíduos procuram encontrar explicações para os acontecimentos à sua volta, numa perspetiva de compreendê-los, controlá-los e prever acontecimentos futuros (Eiser & Van der Pligt, 1988). A esta tentativa constante de dar sentido ao mundo social, analisando e interpretando as relações de causa-efeito de tudo o que acontece, dá-se o nome de teoria de atribuição, proposta inicialmente por Heider (1958). É usual as pessoas atribuírem situações bem-sucedidas a fatores internos (fatores pessoais), e situações não tão bem sucedidas a fatores externos, ou seja, fatores situacionais, mesmo quando tal não corresponde à realidade, levando assim a que essas interpretações sejam potencialmente erradas (Heider, 1958). Culpar os outros pelo que de mau sucede para evitar a recriminação e culpa pelos próprios atos são atribuições bastante frequentes, indo de encontro à noção de distorções mencionadas anteriormente, nomeadamente na questão da desculpabilização (Friestad, 2011). Quando essas atribuições são erróneas e assentam em crenças desajustadas, elas refletem-se em atos

igualmente inadequados, repercutindo-se em comportamentos desviantes (Ward et al., 1997). Aquela tendência, conhecida por erro atribucional fundamental, parece ser comum entre os ofensores que revelam tendência para explicar situacionalmente os seus atos (Maruna & Mann, 2006) e para “culpar a vítima” (Jones & Nisbett, 1971). Tal permite-lhes manter a autoestima, na medida em que a atribuição externa previne a consciência do mal feito ou o arrependimento e, como tal, que o ato agressivo afete o agressor (Friestad, 2011).

De acordo com Ward e colaboradores (1997), uma vez que as crenças distorcidas se encontram armazenadas em memória, perante uma situação ou acontecimento essas crenças são ativadas, sendo esta ativação tanto mais rápida e fácil quanto mais próximas e acessíveis aquelas crenças estiverem, ao contrário da informação que apenas é acedida esporadicamente. Assim, as distorções que fundamentam as crenças (irrealistas) predominam quando estas últimas são mais facilmente acedidas a partir da memória, revelando um padrão distorcido na forma como os indivíduos fazem as suas atribuições e interpretações do mundo que os rodeia, servindo assim de suporte para as crenças já existentes nas suas estruturas cognitivas. É este reforço do comportamento que permite a perpetuação do mesmo no futuro (Marshall, Anderson & Fernandez, 1999).

Uma das razões pelas quais as crenças distorcidas se tornam tão acessíveis e facilmente ativadas, independentemente da informação que a realidade faculta, tem que ver com o fato de essas distorções expressarem teorias implícitas acerca do modo como os eventos à nossa volta se relacionam entre si, teorias essas que têm o carácter de esquema cognitivo, que representa os conceitos que estão armazenados na memória e que foram adquiridos ao longo da vida e experiência (Rumelhart & Ortony, 1977). Desde cedo que os indivíduos organizam as informações provenientes do exterior em esquemas que irão contribuir para uma melhor compreensão do mundo e do meio social, que contribuem para que as pessoas construam determinadas previsões e expectativas baseadas nesses mesmos esquemas (Ward et al., 2000). Segundo Rumelhart e Ortony (1977), esses esquemas são de ativação automática e representam o conhecimento que cada indivíduo tem do que o rodeia, sendo que poderão não representar, na sua totalidade, os aspetos concretos e objetivos da realidade, estando sempre sujeitos às interpretações de cada um, representando assim, de acordo com os mesmos autores, conhecimento e não definições. Assim, os indivíduos não acedem diretamente à realidade mas sim à construção mental da mesma, que irá guiar as suas ações (Ward & Keenan, 1999). As distorções cognitivas são a expressão desses esquemas básicos que integram as teorias (implícitas) que cada um possui acerca do mundo, teorias essas que se

baseiam nas interpretações e atribuições que surgem da tentativa de explicar os acontecimentos e que estão sujeitas a erros atribucionais, levando assim a concepções erradas e consequentes comportamentos inadequados e desviantes (Ward & Keenan, 1999).

Em suma, uma vez que o conjunto de crenças e interpretações causais têm por base os esquemas formados, estas são ativadas de forma automática, independentemente da informação real, repercutindo-se em atos e comportamentos desviantes (Rumelhart & Ortony, 1977; Ward & Keenan, 1999).

1.1. Papel Funcional e Disfuncional das Distorções Cognitivas

Todos temos algum tipo de distorção cognitiva, sendo que muitas pessoas nem sequer se apercebem que essa distorção existe, vivendo acostumadas ao seu próprio esquema de pensamento e crenças, sem considerar que algo está errado (Wallinius et al., 2011). Essas distorções cognitivas surgem como algo benéfico e funcional para os indivíduos, contribuindo para uma melhor adaptação em diversos contextos (Wallinius et al., 2011). Beck (1997) mostrou que indivíduos que ostentavam um excesso de otimismo numa dada altura da sua vida apresentavam uma menor suscetibilidade à depressão. Esta distorção leva a que os indivíduos acreditem que conseguem controlar os eventos negativos da sua vida, mesmo que isso não corresponda à realidade, ajudando-os a ter esperança no futuro. Identicamente, a atribuição de causas externas a acontecimentos menos positivos ajuda a que as pessoas experienciem uma vida mais confortável, compensadora, e ajuda a defender a pessoa de tristeza constante e sintomas depressivos (Bowins, 2004).

A distorção de desculpabilização, característica dos agressores, ajuda o indivíduo a manter a sua reputação, a sua autoestima e impede-o de desenvolver sentimentos de culpa (Blaine & Crocker, 1993; Braithwaite & Braithwaite, 2001; Grant & Batemen, 1993). Quando as pessoas se culpabilizam demais, responsabilizando-se sempre pelos acontecimentos negativos que sucedem à sua volta, têm uma maior tendência para entrar em depressão, atuando por isso a distorção cognitiva como um mecanismo de defesa de grande utilidade para o bem-estar dos indivíduos (Abramson, Seligman, & Teasdale, 1978). De fato, vários autores consideram que a distorção de desculpabilização é saudável, adaptativa e aumenta a capacidade de controlo da pessoa (Dodge, 1993; Snyder & Higgins, 1988; Wortman, 1976).

Em suma, a saúde mental dos indivíduos não se reflete pela ausência de distorções cognitivas mas sim pela presença de enviesamentos positivos que permitem a manutenção do bem-estar e a proteção de situações potencialmente ameaçadoras do mesmo (Bowins, 2004).

Contudo, o fato dos indivíduos usarem as distorções para manterem a sua reputação, autoestima e impedir de desenvolver sentimentos de culpa pode facilitar a passagem a comportamentos disfuncionais, visto ser uma forma de proteção para os perpetradores. A tendência destes para constantemente apresentarem desculpas para os atos, atribuindo frequentemente a culpa às vítimas, é uma forma de proteção de si mesmos (Anderson & Dodgson, 2002). A principal diferença entre uma distorção cognitiva adaptativa e uma outra disfuncional, residirá, então, no conteúdo das crenças que, no caso dos agressores sexuais, desencadeiam atos violentos para com as vítimas, servindo de suporte para os mesmos (Ward et al., 1997). Bowins (2004) refere ainda que o que distingue fundamentalmente o papel funcional das distorções do seu papel disfuncional reside na gravidade das mesmas e na possibilidade de estas infligirem danos nos outros. Quando tal acontece, as pessoas poderão apresentar padrões psicóticos, depressivos e comportamentos disfuncionais, que se poderão reproduzir em atos danosos e com consequências sérias para os outros, fatos esses que são descurados pelos agressores e que incentivam e contribuem para a perpetuação dos comportamentos criminais (Anderson & Dodgson, 2002; Bowins, 2004).

Outra diferença importante, segundo Ward e Casey (2010), passa pelo contexto em que as distorções são expressas. Cada contexto específico desencadeia respostas igualmente específicas, numa tentativa de resolução do problema apresentado. Essa resposta tem por base as teorias implícitas supramencionadas, que assentam nas atribuições produzidas relativamente ao mundo. Situações familiares suscitam respostas também elas conhecidas pelo indivíduo, levando à utilização de recursos e estratégias já utilizadas anteriormente (Ward & Casey, 2010). Desta forma, mediante a existência de um padrão no estilo de vida das pessoas, é usual a repetição das distorções expressas, sendo que o contexto exerce um papel fundamental na distinção entre serem benéficas ou não para os indivíduos, recorrendo às cognições já existentes (Ward & Casey, 2010). Assim, o contexto em que determinado indivíduo se encontra, juntamente com o conteúdo e gravidade das distorções, irá ditar os seus comportamentos e a sua direção, determinando se estas serão benéficas tanto para eles como para os outros, ou só apenas para os próprios, como acontece no contexto da criminalidade sexual violenta (Bowins, 2004; Ward et al., 1997; Ward & Casey, 2010).

1.2. Distorções Cognitivas em Agressores Sexuais

A literatura tem estabelecido uma ligação estreita entre distorções cognitivas e ofensa sexual, tendo sido introduzida pela primeira vez por Abel e colegas em 1984 (Friestad, 2011). Para o ofensor sexual, as distorções cognitivas funcionam como forma de impedir que este se responsabilize pelos seus atos e que tenha consciência da sua gravidade e consequências, atuando assim como um mecanismo de desculpabilização para o ato (Marshall et al., 1999). Uma boa definição de distorções cognitivas em agressores sexuais é aquela proposta por Ciardha e Ward (2013) e que refere que estas são crenças/attitudes, específicas ou gerais, que violam as normas (implícitas ou explícitas) partilhadas e aceites por um grupo de indivíduos ou comunidade e que mostram estar relacionadas com a manutenção da ofensa.

Os agressores sexuais apresentam diversas formas de distorções cognitivas, desde negando que cometeram qualquer crime, a atribuindo as culpas à vítima ou até mesmo referindo que o ato foi consentido pela mesma (Marshall, Marshall, Serran & O'Brien, 2009). Estas distorções permitem ao ofensor perpetuar as suas ofensas sem experienciar culpa nem vergonha pelos seus atos (Abel *et al.*, 1989; Tangney, 1995). Os agressores sexuais são motivados a utilizar as distorções cognitivas, quer seja de forma consciente ou não, para protegerem a sua autoestima, protegerem-se da desaprovação dos outros, para evitarem dissonância cognitiva e irem de encontro à satisfação das suas necessidades (Mihailides, Devilly & Ward, 2004). Os ofensores sexuais tendem assim a minimizar os aspetos relacionados com os seus crimes, mantendo a sua imagem (Marshall et al., 2009).

Para Ward e colegas (1997), o que distingue fundamentalmente os ofensores sexuais dos não ofensores é não só o conteúdo das distorções, mas também os objetivos do uso dessas distorções. Por um lado, os ofensores têm crenças em relação ao comportamento sexual diferentes dos não ofensores, ainda que tal possa não ser suficiente para aqueles passarem ao ato de ofensa sexual (Johnston & Ward, 1996). Por outro lado, os ofensores sexuais poderão também apresentar diferenças ao nível de determinadas fases do processamento cognitivo da informação (e.g. tomada de perspetiva do outro, negação, estratégias de processamento de informação proveniente do exterior), que irão ser determinantes para a passagem ao ato (Johnston & Ward, 1996). Enquanto que os não ofensores utilizam as distorções de forma prossocial, os ofensores sexuais usam-nas de tal modo que conduzem a comportamentos desviantes (Johnston & Ward, 1996). Ward e colaboradores (1997) acrescentam que os agressores sexuais são capazes de agir normalmente e utilizarem operações cognitivas

adaptativas, sendo que o problema principal encontra-se no conteúdo dessas distorções, e é isto que os diferencia da restante população normativa, integrando o tipo de distorções com outras variáveis impulsionadoras do ato sexual agressivo.

A diferença no conteúdo das distorções cognitivas de ofensores e não ofensores resultará do fato das teorias acerca do mundo serem construídas pelos próprios indivíduos, pelo que duas pessoas poderão ter acesso à mesma informação e ainda assim construir diferenças conceções e crenças acerca das situações, das pessoas e deles próprios, que poderá não refletir a forma como o mundo realmente é (Ward et al., 2000). Essas teorias podem organizar-se a um nível bastante específico, como conjecturas relativamente às vítimas ou a eles próprios, ou podem ser elaboradas num plano mais geral, aplicadas a determinados grupos, como as mulheres ou prostitutas, ou podem até ser usadas para explicar a forma de funcionamento do mundo em geral (Ward & Keenan, 2009).

Na presença de distorções cognitivas, os indivíduos podem então tornar-se incapazes de interpretar as situações interpessoais e de compreender as outras pessoas, e essa incapacidade para inferir com precisão crenças, desejos, emoções, intenções e necessidades dos outros dificulta o estabelecimento de uma relação empática com os outros e a resolução eficaz dos conflitos relacionais (Gopnik & Meltzoff, 1997). Assim, as distorções presentes nos ofensores afetam as mais diversas áreas da sua vida, tendo particular ênfase na relação com os outros através da redução da capacidade empática (Gopnik & Meltzoff, 1997), aspeto este que será desenvolvido mais adiante.

As normas, valores, regras e crenças partilhadas culturalmente servem para o indivíduo interpretar os sinais de comportamentos sexuais relevantes que irão guiar a sua própria conduta sexual, sendo que a diferença reside nas experiências e aprendizagens de cada um (níveis interno e interpessoal) que irão ditar o conteúdo das crenças, no sentido em que todas essas informações provenientes do exterior serão processadas cognitivamente e emocionalmente a partir das construções já existentes (Ward et al. 2000). Essas crenças, que servem de suporte para o comportamento sexual agressivo, são responsáveis pela expressão das distorções cognitivas e consequente comportamento disfuncional (Pereira & Gonçalves, 2009). As crenças funcionam como mapas cognitivos que representam as conjunturas do ofensor em relação ao mundo, sendo que as distorções cognitivas reportam-se a alegações, que se baseiam nessas mesmas crenças, que envolvem os próprios julgamentos do indivíduo relativamente ao seu comportamento sexual agressivo, que expressam aquilo que, para ele, é verdadeiro, digno e aceitável (Pereira & Gonçalves, 2009).

Em suma, retomando a ideia das teorias implícitas, os agressores sexuais recorrem às crenças que detém dos outros como suporte das suas ofensas (Friestad, 2011). Interpretam, erradamente, os sinais do exterior, dificultando as suas relações com os outros e resultando em comportamentos danosos para terceiros, que são desculpados e minimizados (Pereira & Gonçalves, 2009; Ward et al., 2000).

As distorções cognitivas em ofensores sexuais têm sido cada vez mais estudadas, e o seu papel na passagem ao ato tem sido cada vez mais aprofundado. Desta forma, estas são frequentemente identificadas pelos profissionais que laboram com programas de intervenção junto dos agressores como uma variável imprescindível de ser trabalhada nesses mesmos programas, modificando as interpretações e julgamentos errados que servem de suporte para a ofensa (Brown, 2005).

1.3. Tipos de Distorções Cognitivas

Existem dois tipos fundamentais de distorções cognitivas (Dodge, 1993): distorções cognitivas internalizantes, que estão associadas a sintomas de ansiedade, baixa autoestima, depressão, pânico, ou seja, reações internas do indivíduo face ao significado (irrealista) dado aos acontecimentos e meio; e distorções cognitivas externalizantes, que têm sido descritas como uma tendência enviesada de atribuir intenções hostis aos outros, que estão mais relacionadas com atos violentos e criminosos.

As distorções cognitivas externalizantes que se refletem na expressão dos comportamentos como a delinquência e a agressão são designadas de *self serving* (Barriga, Landau, Stinson, Liau, & Gibbs, 2000). Gibbs, Potter e Goldstein (1995) introduziram e definiram quatro categorias de distorções cognitivas *self serving* focadas nos ofensores sexuais: egocentrismo; culpar os outros; minimização; e assumir o pior. O egocentrismo prende-se com o fato dos indivíduos se focarem apenas neles, nos seus desejos, necessidades e direitos. A culpabilização envolve culpar os outros pelo seu próprio comportamento, e a minimização corresponde a minimizar os seus atos partindo do pressuposto de que estes são aceitáveis e necessários para atingir determinados objetivos. Finalmente, a assunção do pior representa a distorção de que os indivíduos atribuem intenções hostis aos outros, considerando o pior cenário possível, sendo imprescindível protegerem-se.

A minimização e a negação são, segundo Marshall e colegas (1999), as distorções mais frequentemente encontradas em ofensores sexuais. Os agressores tendem a minimizar as

consequências dos seus atos, minimizando as suas responsabilidades perante eles. Arranjam desculpas, tais como “Eu agi no calor do momento”, que servem para justificar o seu comportamento, não assumindo a culpa pelo mesmo nem aceitando os danos causados nas vítimas. Segundo os mesmos autores, a maioria dos ofensores chega mesmo a negar o ato cometido, ou quando não o faz distorce a realidade para que as culpas e a responsabilidade não recaiam sobre eles. Estas distorções sustentam os seus atos, não permitindo que estes se responsabilizem pelos mesmos, tendência essa já acima descrita como produto da teoria da atribuição face a situações mal sucedidas, ou seja, atribuição de culpa a fatores externos que permitem aos agressores protegerem-se e perpetuarem comportamentos (Friestad, 2011).

Propondo outro tipo de classificação, Ward (2000) referiu a existência de cinco tipos fundamentais de distorções cognitivas que refletem as teorias implícitas dos ofensores: as vítimas são vistas como um ser sexual; pensamentos errados acerca dos seus direitos ao nível sexual; incontrolabilidade da sexualidade; a natureza dos danos; e o mundo visto como um lugar perigoso. Os ofensores contemplam a sua vítima como um ser sexual, que quer exprimir a sua sexualidade tanto quanto eles e que seduz para o conseguirem e, como tal, todos os movimentos e sinais da vítima são encarados como uma pré-disposição desta para o ato. Os agressores sexuais sentem o direito de ter determinados comportamentos que o satisfaçam, crendo na ideia de que as vítimas merecem-nos, ignorando quaisquer consequências que daí advenham, desde que as suas necessidades sejam satisfeitas. Entra neste contexto também o próprio impulso sexual, difícil de controlar, menosprezando ou minimizando os prováveis danos para a vítima. Por fim, a noção do mundo como perigoso leva à ideia de que as pessoas têm que se defender e zelar pelos seus próprios interesses, de modo a protegerem-se das ameaças iminentes, em que a conceção de controlo das situações se prende com o poder sobre os outros numa tentativa de dominar as situações.

De acordo com Barbaree (1991), a responsabilidade (ou falta desta) por parte do ofensor quanto ao seu ato é uma das distorções mais importantes e mais constantes neste domínio. O autor seccionou esta distorção em duas: refutação e minimização, distorções estas já identificadas por Marshall e colegas (1999) como as mais frequentes nos agressores sexuais. Uma terceira, a despersonalização, foi adicionada por Schneider e Wright (2004):

Refutação. O ofensor nega qualquer tipo de ofensa sexual, logo não há nada por que se responsabilizar. Considera que o evento não foi de cariz sexual nem danoso para a alegada vítima, logo não pode ser considerada ofensa. Frequentemente os agressores consideram que foram eles as vítimas e que foram os que saíram mais lesados da situação em questão;

Minimização. É admitido que existiu uma ofensa sexual mas o indivíduo tende a minimizar as consequências dos seus atos e a sua responsabilidade perante eles. É comum este referir que a culpa não foi totalmente sua, pois a vítima também quis e provocou, ou que foi um erro e deixou-se levar por uma situação tensa ou de stress que não permitiu que ele se controlasse;

Despersonalização. O ofensor sexual pode confessar que cometeu o ato mas não se considera como uma pessoa vulnerável a cometer crimes sexuais. Está relacionado com a negação de que planeou a ofensa, que se sente aliciado para tal, que pretende ter este tipo de gratificação sexual ou que tem tendências e fantasias sexuais desviantes. Este tipo de distorção impede que o indivíduo aceite ajuda, pois não considera que irá cometer o mesmo ato novamente.

Os seres humanos possuem forças inibitórias internas que impedem a pulsão sexual, contudo os agressores ultrapassam essas mesmas inibições recorrendo a quatro tipos cruciais de distorções (Hartley, 1998):

Cognições relacionadas com fatores socioculturais. Má interpretação das mensagens transmitidas pela sociedade, que leva aos perpetradores a racionalização do seu comportamento sexual agressivo, tendo por base as ideias e crenças erróneas sustentadas por significados distorcidos;

Cognições usadas para ultrapassar o medo da revelação. No caso do abuso sexual de menores, os problemas relacionais entre a mãe e a criança podem tornar difícil que a mesma revele o abuso que está a sofrer, levando o agressor a utilizar isso para a perpetuação do comportamento, considerando que este nunca será revelado;

Cognições usadas para diminuir a responsabilidade. Quanto mais a ideia de que o ato sexual começou de forma inocente ou que não envolveu qualquer tipo de violência ou coação, maior a desresponsabilização por parte do ofensor;

Cognições relacionadas com a procura de permissão. O agressor observa a resposta da vítima e interpreta-a como uma permissão para continuar, mesmo que tal não tenha sucedido. O fato da vítima não resistir incentiva o indivíduo a prosseguir com o seu comportamento.

Em conclusão, todos os comportamentos sexuais agressivos por parte dos ofensores revelam uma sintomatologia externalizante das distorções pois refletem-se em atos violentos e danosos para os outros, em que a questão da minimização, desculpabilização, negação e desresponsabilização dos atos se tornam o suporte para que essas manifestações comportamentais surjam e se mantenham (Barriga et al., 2000; Marshall et al., 1999).

Capítulo II – Modelos de Ofensa Sexual

Ao longo do tempo têm surgido as mais diversas teorias relativamente aos aspetos responsáveis pelos crimes sexuais, que resultam em diferentes modelos explicativos da ofensa sexual. Apenas recentemente esses modelos integram perspectivas multifatoriais, ou seja, contemplam uma vasta gama de variáveis que são encaradas como importantes no desencadeamento e manutenção desses comportamentos, tais como a falta de empatia, dificuldades relacionais, predisposições genéticas, fatores contextuais e culturais, cognições distorcidas, entre muitos outros fatores que são referidos na literatura (Ward et al., 2000; Ward & Beech, 2006).

Embora a investigação na área das distorções cognitivas no contexto da criminalidade violenta ainda careça de uma base teórica mais fundamentada, é comumente aceite pelos diversos autores que estas têm um papel cada vez mais preponderante nos modelos e teorias pois incorporam as perceções que os ofensores detêm deles mesmos, dos outros e da situação, sendo isso indispensável na compreensão das suas motivações face ao comportamento sexual agressivo (Chiarda & Ward, 2013; Ward et al., 1997).

Este capítulo visa explorar brevemente alguns desses modelos de modo a abranger algumas das variáveis do presente estudo que já têm vindo a ser referidas na literatura, como forma de contextualização e justificação da importância das mesmas no contexto da criminalidade sexual violenta.

2.1. Modelo de Abel, Becker e Cunningham-Rathner (1984)

Um dos primeiros modelos que surge na literatura é o de Abel et al. (1984), cuja premissa envolve a aprendizagem social que permite aos indivíduos, em idade de desenvolvimento das suas pulsões sexuais, inibir os comportamentos que são considerados inapropriados pela sociedade. A cultura partilha noções do que é normal e aceitável, influenciando assim a forma como os sujeitos desenvolvem a consciência do que é correto e do que deverá ser evitado, nomeadamente na área da sexualidade. Assim, desde cedo, estes aprendem a inibir o que é considerado desapropriado. Todavia, nem todos o conseguem fazer, desenvolvendo crenças e comportamentos sexuais desadequados. Face à consciência de que esses pensamentos não são os mais corretos, criam distorções cognitivas que permitem proteger a sua autoestima através de justificações e desresponsabilizações dos atos que essas conceções originam. Assim sendo,

os autores referem que as distorções tornam-se num mecanismo facilitador dos comportamentos sexuais violentos, que tendem a enraizar-se cada vez mais nos indivíduos ao longo do tempo. Esses comportamentos persistem, visto que as próprias crenças que estes possuem servem de suporte para posteriores ofensas. Os ofensores têm a percepção dos seus comportamentos, e por essa razão protegem-se utilizando as distorções.

Este modelo foi um importante contributo para o estudo dos agressores sexuais na medida em que alertou para a relevância das distorções neste contexto, contudo não explicita com detalhe de que forma o processo de desenvolvimento das mesmas ocorre (Vieira, 2010). Mais ainda, Abel e colegas (1984) abriram portas para que mais investigadores investissem nesta área e acrescentassem outras variáveis pertinentes para o estudo da ofensa sexual para além das distorções. (Vieira, 2010).

2.2. Teoria Integrada de Marshall e Barbaree (1990)

O modelo de Marshall e Barbaree (1990) contempla uma perspetiva mais abrangente, no sentido em que inclui diversas variáveis que interagem entre si como facilitadoras dos comportamentos sexuais agressivos, ao contrário do modelo anterior que apenas contemplava as distorções cognitivas.

Os autores do modelo referem que é na adolescência que se desenvolvem as hormonas e que se dão alterações ao nível da percepção e interesses sexuais, aumentando assim o interesse pelo sexo oposto e criando determinadas predisposições psicofisiológicas. Essas predisposições, juntamente com a exposição a situações e experiências adversas precoces (e.g. abusos sexuais durante a infância, fracas relações com os pais, disciplina demasiado severa e rigorosa) torna-os mais predispostos a desenvolver distorções ao nível do relacionamento com os outros, particularmente no que diz respeito à conduta sexual agressiva. Essas distorções levam a ideias erróneas no âmbito das relações interpessoais, dificultando o estabelecimento de relações futuras. A falta de habilidades sociais e de autorregulação torna mais provável que as relações amorosas desses indivíduos na idade pré-adulta resultem em rejeição por parte das mulheres, levando a um decréscimo da autoestima e desenvolvimento de sentimentos e emoções negativas em relação ao sexo feminino, decorrendo em défices de empatia para com ele. Os sujeitos recorrem então a fantasias em que planeiam futuras agressões sexuais, de modo a satisfazer as suas necessidades. Assim, eles libertam a sua tensão sexual, aumentam a sua autoestima, masculinidade e noção de controlo sobre os outros.

Alguns fatores situacionais contribuem para que os atos sejam levados a cabo, como momentos de stress e de maior tensão, ou apenas a presença de uma potencial vítima pode estimular o interesse sexual que prejudica a capacidade de controlo do sujeito, partindo este para a ofensa. As distorções cognitivas dos indivíduos são reforçadas e mantidas à medida que os atos ocorrem, favorecendo a sua continuidade.

Uma das limitações apontada a este modelo é o fato de se focar bastante no desenvolvimento de comportamentos sexuais agressivos na adolescência e na idade pré-adulta, não apresentando explicações para as ofensas ocorridas por parte de adultos em idades mais avançadas (Vieira, 2010). Contudo, a grande vantagem do modelo reside no fato de incluir variáveis para além das distorções cognitivas, como sendo as predisposições do próprio sujeito, as suas experiências, a falta de empatia e de autocontrolo, indo de encontro à ideia de que o ato da ofensa sexual não é determinado por apenas um fator mas sim pela integração de vários (Thakker & Ward, 2012; Ward & Beech, 2006).

2.3. Modelo de Atribuições do Estado Mental de Ward, Keenan e Houdson (2000)

O modelo de Atribuições do Estado Mental, de Ward et al. (2000), surge na sequência da ideia de que o ofensor sexual atribui estados mentais a si e aos outros, numa tentativa de compreender e explicar os comportamentos e ocorrências. Neste contexto, o indivíduo pode apresentar uma dificuldade geral em inferir os estados mentais de outras pessoas, ou uma dificuldade mais específica em relação a determinadas situações, como por exemplo nas relações de intimidade. Os autores consideram que são estas teorias, que usualmente estão erradas, que levam a interpretações equivocadas acerca das intenções das vítimas, justificando assim o seu comportamento sexual agressivo. O ofensor poderá considerar um comportamento amigável de uma mulher como sedutor, partindo da teoria subjacente que interpreta as mulheres como enganadoras e que desejam sexo tanto quanto ele (Malamuth & Brown, 1994, citados por Ward et al., 2000).

Segundo os autores, o problema não reside apenas na atribuição de estados mentais de outras pessoas mas também de si próprio, pois os agressores poderão considerar que os seus sentimentos de solidão ou desespero poderão estar relacionados com falta de atividade sexual, logo consideram que é imperativo fazê-lo, utilizando os outros que, segundo as suas teorias, também o desejam e transmitem sinais disso mesmo. Deficiências nesta teoria da mente levam a problemas nos domínios da cognição, empatia e intimidade com os outros. Existe um

conflito entre os valores partilhados pela sociedade, que é colmatado com o uso de distorções para evitar uma autoanálise e conseqüente autocrítica, representando assim um déficit na capacidade de resolução de problemas. A incapacidade em sentir empatia pela vítima ou em inferir o seu estado mental correto está relacionada com o evitamento de uma autoavaliação, ignorando os danos para a mesma para proteger a sua imagem, perante ele próprio e perante a comunidade em geral.

Existem, no entanto, alguns ofensores que não aparentam dificuldades na avaliação do estado mental das vítimas, muito pelo contrário, são precisos e revelam uma extraordinária capacidade em ler as outras pessoas, os seus sentimentos, crenças e expectativas, utilizando isso em seu proveito, manipulando-as para alcançarem o que pretendem, revelando um quadro de psicopatia (Ward et al., 2000).

Os autores acrescentam que é relevante tentar perceber como se processa um desenvolvimento normal da cognição e esclarecer alguns fatores ecológicos que estão relacionados com a criminalidade violenta, e que isso deverá ser levado em conta na construção de posteriores modelos explicativos da ofensa sexual, corroborando a ideia de que uma perspectiva integrativa de diversas variáveis é mais eficaz na explicação de todo o processo que desencadeia a passagem ao ato sexual (Thakker & Ward, 2012; Ward et al., 2000).

Capítulo III – Presente Proposta

As distorções, enquanto variável cognitiva, têm um grande impacto na explicação dos comportamentos sexuais agressivos, contudo, por si mesmas, não explicam a passagem ao ato de uma ofensa sexual (Vieira, 2010). As teorias mais recentes nesta área, algumas referidas anteriormente, sugerem que existem muito mais variáveis que poderão ser prováveis causas da passagem à ofensa, que interagem entre si (Ward & Beech, 2006).

Como tal, o presente estudo contempla algumas variáveis consideradas, na literatura, como importantes no perfil dos agressores sexuais e que explicam as ações dos mesmos. São vários os modelos que contemplam a empatia como uma das variáveis mais importantes na avaliação e tratamento dos ofensores, sugerindo que a agressão está inversamente relacionada com uma resposta empática (Covell & Scalora, 2002). Um estudo de Pithers (1994) concluiu que os pedófilos apresentam valores baixos nas subescalas de angústia pessoal e na capacidade de compreender as emoções negativas dos outros, refletindo défices de empatia. Resultados semelhantes foram obtidos num estudo comparativo de violadores e não violadores, realizado por Hanson e Scott (1995), e em que os primeiros apresentaram índices mais baixos de empatia em medidas de autorrelato. Nos modelos teóricos, esta falta de empatia surge como consequência de cognições distorcidas, nomeadamente acerca do impacto e consequências percebidas dos seus atos nos outros (Ward et al., 2000). Quer isto dizer que a noção errada de que não existem danos para as vítimas, numa tentativa de reduzir a culpa ou manter a autoestima, leva a que a capacidade empática seja reduzida, não apresentando o ofensor a capacidade de se colocar no lugar do outro (Nugent & Kroner, 1996).

A impulsividade é igualmente um constructo importante na área da criminalidade sexual (Houston & Stanford, 2005). Stanford, Webster e Freedman (1957) concluíram que a impulsividade está relacionada com diversas características comportamentais de risco, como desinibição, excitação, egocentrismo, irracionalidade, entre outras. Os indivíduos impulsivos reagem a impulsos internos ou fatores contextuais, e atuam sem analisar as consequências, refletindo uma tipologia comportamental antissocial que é comum nos ofensores sexuais (Hanson & Morton-Bourgon, 2005; Prentky & Knight, 1986). A relação entre distorções cognitivas e impulsividade é uma noção ainda relativamente recente, que requer análises mais aprofundadas. No entanto, resultados de Mobini et al. (2006) sugerem que a impulsividade é preditora das distorções, no sentido em que a necessidade interna de agir, ou reagir a estímulos, leva a que o ofensor não analise as consequências para as vítimas, minimizando-os,

para que possa levar a cabo a sua ofensa sem sentir remorsos. A impulsividade está também fortemente e positivamente correlacionada com a psicopatia (Hanson & Morton-Bourgon, 2005). Este último constructo incorpora vários dos défices considerados importantes na explicação da passagem ao ato de ofensa sexual, tais como falta de empatia, fracas relações interpessoais, habilidades sociais insuficientes ou impulsividade (Covell & Scalora, 2002). De fato, a psicopatia está fortemente relacionada com crimes violentos, embora nem todos os agressores apresentem um padrão psicopático (Vieira, 2010). Os que o apresentam tendem a ser mais violentos e sádicos, segundo as conclusões de um estudo de Hare, Clark, Grann e Thronton (2000). Na presença da psicopatia, o ofensor desenvolve ideias erradas, i.e., distorções cognitivas, relativamente à vítima e à responsabilidade pelos seus próprios atos (Hart, Kropp & Hare, 1988). Visto que a psicopatia não é o único fator explicativo da falha de predição dos danos para as vítimas, sugere-se que as distorções cognitivas tenham um papel importante: os atos pensados dos sujeitos são afetados na presença de psicopatia, repercutindo-se assim na incapacidade de produzir atribuições corretas quanto às situações e aos outros, reduzindo a empatia e facilitando a agressão sexual (Gopnik & Meltzoff, 1997; Hart et al., 1988).

Embora a presente análise reflita apenas os resultados relativos às distorções cognitivas e empatia, neste capítulo serão expostas todas as variáveis aludidas visto que foram recolhidos dados dessas mesmas variáveis, que detêm um papel igualmente importante nos modelos explicativos da ofensa sexual. Em estudos posteriores, serão integrados esses mesmos resultados com o intuito de elaborar um modelo mais complexo e completar a atual análise.

3.1. Empatia

Empatia é definida como a capacidade de tomar a perspetiva do outro, reconhecendo a sua angústia e problemas (Hogan, 1969). Ohbuchi (1988) refere a existência de duas componentes no conceito de empatia: componente cognitiva e componente afetiva. A primeira diz respeito à habilidade de se colocar no lugar do outro, e a segunda à capacidade de se identificar com as suas emoções, percebendo qual o seu estado emocional e, assim, inferir sobre o seu estado cognitivo; são essas inferências que levam a uma possível previsão dos seus atos no futuro. Mais atualmente, a empatia é vista como um conceito multidimensional que, para além das componentes cognitiva e afetiva, tem igualmente elementos comunicativos e relacionais (Williams, 1990). Normalmente a empatia ocorre num contexto relacional, entre

duas ou mais pessoas, baseando-se na comunicação, sendo que nem sempre é preciso existir uma comunicação verbal para que a pessoa expresse empatia pelo outro (Williams, 1990).

Marshall, Hudson, Jones e Fernandez (1995) consideram a existência de quatro estádios no processo da resposta empática: reconhecimento emocional; tomada de perspectiva; replicação da emoção; e decisão da resposta. O primeiro surge quando a pessoa consegue discriminar o estado emocional do outro. Esta capacidade difere de pessoa para pessoa, sendo que se o indivíduo não conseguir inferir sobre o estado emocional de outra pessoa, provavelmente os estádios seguintes estão comprometidos, não havendo então uma resposta empática. A habilidade para se colocar no lugar do outro, vendo as coisas da sua perspectiva, denomina-se de tomada de perspectiva. Faz sentido referir que esta capacidade apenas surge quando se consegue entender o estado emocional da outra pessoa. A terceira fase passa pela replicação da emoção da pessoa em questão, no sentido de ser capaz de discriminar as suas emoções (estádio um), tomar a sua perspectiva (estádio dois), para que assim as emoções dos outros sejam, de certa forma, transferidas para si. Para tal, é necessário que o indivíduo tenha essas capacidades emocionais, ou seja, que não apresente nenhum padrão emocional disfuncional que o impeça de replicar as emoções observadas. Por último, a decisão da resposta, onde o indivíduo decide se age de acordo com o que sente relativamente à pessoa ou não. É possível que os indivíduos consigam ultrapassar todos os estádios anteriores mas não serem capazes de atuar de forma empática, sendo por vezes agressivos e terem comportamentos abusivos para com os outros, havendo outras variáveis impeditivas de se desenvolverem emoções empáticas (Marshall et al., 1995).

Vários autores consideram que o conceito de empatia está fortemente ligado às agressões por parte dos ofensores sexuais, sendo que este é um dos principais fatores trabalhados em programas de tratamento para os mesmos (Knoop, Freeman-Longo & Stevenson, 1992, citados por Covell & Scalora, 2001). Juntamente com outros fatores, tais como défices nas capacidades sociais, intimidade interpessoal, processos cognitivos necessários para a estabilidade emocional e interações sociais apropriadas, a empatia surge como mediadora entre as distorções cognitivas e o comportamento agressivo sexual: o fato dos indivíduos serem incapazes de compreender os outros, os seus sentimentos e as suas interpretações, afeta a sua capacidade empática e, por sua vez, facilita os comportamentos agressivos (Ward et al., 2000).

Marshall et al. (1995) refere que, apesar da falta de empatia ser um aspeto comum nas características dos ofensores sexuais, nem todos os ofensores apresentam esse défice em

relação a todas as pessoas nem em todos os contextos. No modelo dos autores, a ausência do reconhecimento de danos nas vítimas é um dos primeiros passos e um dos fatores mais críticos no não desenrolar de uma resposta empática para com estas. Esta distorção impede o ofensor de sentir empatia pela vítima naquele contexto específico, não querendo isso dizer que a sua capacidade empática seja baixa com outras pessoas e noutros contextos. Por exemplo, e de acordo com os autores, os ofensores podem apresentar baixa empatia apenas para com mulheres e crianças (dependendo da sua escolha em relação às vítimas), apenas para com vítimas de abuso ou violação, ou até apenas para com as suas próprias vítimas.

Fernandez e Marshall (2003) concluíram precisamente isso: tanto os violadores como os abusadores de crianças apresentaram défices de empatia apenas relativamente às vítimas em específico, e não no geral. A aparente falta de empatia dos agressores para com as suas vítimas parece ser resultado de distorções dos mesmos, como a negação da ofensa ou negação das consequências dessa ofensa para as vítimas, ou culpá-las pelo ato, sendo que isso surge como uma estratégia para evitar a redução da sua autoestima (Anderson & Dodgson, 2002). Esta noção é consistente com as ideias expostas no capítulo anterior (capítulo I) no que diz respeito à formação das teorias implícitas: estas servem de base para as distorções, que poderão representar apenas julgamentos face a um grupo específico, neste caso, as vítimas (Ward & Keenan, 2009). Existirão assim diferenças entre a empatia dos ofensores para com as pessoas em geral e a empatia sentida pelas vítimas em particular, sendo esta última influenciada pelas distorções do perpetrador (Fernandez & Marshall, 2003).

Em resumo, a distorção de minimizar e negar as consequências negativas, para a vítima, do ato de ofensa sexual, reduz a empatia para com a vítima, bem como a ansiedade perante a agressão em específico (Ward et al., 2000). As distorções podem atuar mesmo como um mecanismo inibidor da ação da empatia (Gibbs (1991). Ao colocarem-se no lugar da vítima, os agressores veriam aumentar a angústia pessoal face à situação, razão pela qual evitam uma aproximação afetiva com a vítima, de modo a protegerem-se (Covell & Scallora, 2002). A prioridade dos ofensores é a de se protegerem; o assumir sempre o pior em relação aos outros e o encarar negativamente as situações que lhes sucedem (revelando uma elevada preocupação com o perigo), leva à inibição da capacidade empática de modo a que possam agir sem remorsos nem impedimentos (Gibbs et al., 1995; Ward, 2000).

Segundo Hanson e Morton-Bourgon (2005), os indivíduos não cometem crimes sexuais se não estiverem dispostos a magoar os outros, se não tiverem noções das potenciais

consequências, ou se não conseguirem controlar os seus impulsos, este último aspeto a ser desenvolvido no ponto seguinte.

3.2. Impulsividade

A impulsividade é usualmente descrita como um traço de personalidade que conduz a uma tendência para uma resposta rápida, não deliberada e sem avaliação das consequências, face a um determinado estímulo (Barrat, 1985; Houston & Stanford, 2005). Segundo Moeller, Barratt, Dougherty, Schmitz e Swann (2011), um ato impulsivo ocorre quando há mudanças no decorrer de uma ação sem que seja feito, por parte do indivíduo, um julgamento consciente sobre a situação, quando ocorrem comportamentos impensados ou inesperados, ou quando o próprio indivíduo apresenta uma tendência para agir sem planos prévios. Os atos impulsivos podem assim desencadear-se a partir de sentimentos ou estímulos externos, que levam a que o comportamento do indivíduo não seja premeditado nem controlado (Prentky & Knight, 1986).

A impulsividade não parece ser, no entanto, um conceito unitário. Patton, Stanford e Barratt (1995) identificaram três componentes da impulsividade: impulsividade motora (agir no impulso do momento); impulsividade cognitiva (incapacidade de concentração nas tarefas e instabilidade cognitiva); impulsividade não-planeada (incapacidade de pensar e planear algo cuidadosamente). Já Whiteside e Lynam (2001) propõem componentes da impulsividade: urgência (necessidade urgente de agir, para aliviar um determinado estado emocional); falta de premeditação (tendência para agir no momento, não avaliando as consequências do ato); falta de perseverança (incapacidade de levar tarefas até ao fim e falta de autodisciplina); “sensation seeking” (tendência para apreciar e explorar atividades novas e entusiasmantes).

Uma característica comum é, no entanto, a falta de premeditação dos atos, que leva a que não sejam avaliadas as consequências dos mesmos, podendo prejudicar terceiros (Whiteside & Lynam, 2001). Tal fato leva a que os constructos de impulsividade e comportamentos agressivos sejam difíceis de separar, na medida em que o indivíduo se deixa levar pelos próprios impulsos, mesmo que isso tenha consequências negativas para os outros (Houston & Stanford, 2005). De facto, os dois constructos surgem muitas vezes em conjunto na literatura clínica e empírica, independentemente do tipo de comportamento agressivo (Houston & Stanford, 2005).

A teoria de Hebb (1955) é igualmente explicativa dos comportamentos criminais, na medida em que os indivíduos buscam sempre encontrar o grau perfeito de excitação, que lhes

proporciona bem-estar. Na urgência em aliviar o mau estar que decorre de níveis baixos de excitação e na tentativa de alcançar o grau de excitação ideal, estes indivíduos pensam apenas nos seus interesses e desejos, conduzindo a comportamentos não premeditados (Hebb, 1955; Whiteside & Lynam, 2001); os meios para atingir o nível ideal de excitação são menosprezados; e normalmente, tais meios causam danos em outras pessoas (Hebb, 1955). A expressão da impulsividade pode assim resultar em diferentes tipos de comportamentos agressivos, sendo que a ofensa sexual é um deles (Houston & Stanford, 2005).

A elevada impulsividade parece, assim, estar relacionada com a incapacidade em considerar as consequências negativas que as ações do próprio podem ter para os outros, bem como com dificuldades em adiar a gratificação. Apesar das características por detrás dos comportamentos impulsivos ainda não serem totalmente conhecidas, alguns autores caracterizam o carácter impulsivo como não sendo capaz de adiar a gratificação, como tendo pouca tolerância à frustração emocional, a perceção dos outros como sendo bons ou maus (não existindo um meio termo), elevada agressividade, explosividade e ausência de planos (Webster & Jackson, 1995, cit. por Mobini et al. 2006).

Um estudo levado a cabo por Mobini et al. (2006), cujo principal objetivo era testar a hipótese de uma relação entre impulsividade e cognições disfuncionais relacionadas com dificuldades em adiar a gratificação e incapacidade em considerar as consequências para os outros, permitiu evidenciar que a impulsividade surge como preditora das distorções cognitivas, existindo relações entre comportamentos disfuncionais resultantes de atos impulsivos e algumas distorções cognitivas, tais como: ter o direito a uma satisfação imediata, focar nas consequências a curto-prazo, e ter o que se quer, custe o que custar.

Assim, poder-se-á dizer que a impulsividade diz respeito a um conjunto de características antissociais que facilitam as ofensas sexuais; na verdade, a impulsividade é um dos fatores preditivos mais fortes do recidivismo de crimes sexuais (Hanson & Morton-Bourgon, 2005). Tal decorrerá do fato dos indivíduos que cometem esses crimes estarem dispostos a ferir/magoar os outros, não terem a noção de que os seus atos têm consequências negativas para as suas vítimas e que as magoam, ou não conseguirem controlar-se (Hanson & Morton-Bourgon (2005).

Conclui-se assim que indivíduos impulsivos têm uma tendência para agir sem analisar os seus atos e as consequências dos mesmos, sendo que essa necessidade de agir no momento e não adiar a gratificação leva a que se desenvolvam crenças erradas acerca das consequências dos seus comportamentos para os outros, sobrepondo o que querem com o que deveria ser; ou

seja, indivíduos com elevada impulsividade têm interpretações disfuncionais sobre os eventos, o que contribui para manter a sua tendência de agir rápida e inconscientemente (Mobini et al., 2006). As distorções cognitivas nos agressores sexuais são guiadas pelos sentimentos, emoções e necessidades de satisfação imediatas, relacionando-se isso com os atos impulsivos que carecem de premeditação, baseando-se apenas no que se quer no momento, não conseguindo controlar os eventos que acontecem e a sua resposta a tais situações (Hanson & Morton-Bourgon, 2005). Essa necessidade leva a uma desinibição cognitiva, repercutindo-se em atos sexuais agressivos, em que o próprio contexto onde estes decorrem exerce, igualmente, influência (Hanson & Morton-Bourgon, 2005; Mobini et al., 2006).

Os ofensores sexuais apresentam índices elevados de impulsividade, estando principalmente relacionados com a obtenção de gratificação imediata, que leva à necessidade de uma satisfação imediata, sem consciência das consequências, utilizando os outros para esse fim, não respeitando os seus direitos e vontades (Vieira, 2010). A impulsividade surge também como um dos principais atributos da psicopatia (Hart & Hare, 1998), relação esta que será exposta no ponto seguinte.

3.3. Psicopatia

Ao longo do tempo têm existido diversas tentativas de definir especificamente o conceito de psicopatia (Soeiro & Gonçalves, 2010). Contudo, é comumente aceite que a psicopatia é um transtorno da personalidade que se caracteriza por sintomas relacionados com os domínios interpessoal (e.g. manipulação), afetivo (e.g. baixa empatia) e comportamental (e.g. impulsividade) (Hart & Hare, 1998). Algumas das características de psicopatia listadas por Cleckley (1941/1976) são: falta de remorso ou vergonha; egocentrismo patológico; incapacidade em aprender com as experiências; falta de reciprocidade das relações interpessoais; vida sexual impessoal; falha em seguir planos de vida.

Cleckley (1941/1976) refere que a psicopatia engloba uma constante violação dos direitos dos outros, ignorando-os e desprezando-os, agindo impulsivamente sem considerar as consequências para os outros, não sentindo quaisquer remorsos. Levenson, Kiehl e Fitzpatrick (1995) fazem referência a dois domínios do constructo: psicopatia primária e psicopatia secundária. Aspetos como o egoísmo e manipulação estão incluídos na psicopatia primária, e a impulsividade e estilo de vida autodestrutivo na psicopatia secundária. Mais recentemente, Hare (2003) faz referência a quatro dimensões: interpessoal (e.g. falsidade); afetiva (e.g.

ausência de remorsos e empatia); estilo de vida (e.g. impulsividade); e comportamento antissocial (e.g. baixo controlo comportamental). Porém, todos estes aspetos negativos da psicopata estão escondidos inicialmente, criando uma boa primeira impressão agindo normalmente, cativando e seduzindo os outros. Isso permite-lhe ganhar a confiança da pessoa e, através de uma hábil manipulação, facilitar a vitimização da mesma (Cleckley, 1941/1976).

A variável de psicopatia faz parte do grupo de fatores estudado para compreender o comportamento agressivo, tendo em conta que engloba problemas ao nível emocional e comportamental, afetando os atos pensados e conscientes do indivíduo que se podem repercutir em atos criminosos e agressivos (Serin, 1996). Esses atos criminosos têm maior manifestação ao nível dos crimes sexuais (Hart et al., 1988). Alguns autores como Harris, Rice e Cornier (1991) afirmam que os indivíduos que apresentam índices de psicopatia têm maior probabilidade de re-ofenderem e dessas agressões serem mais agressivas que as feitas pela população não diagnosticada. Os psicopatas fazem parte do grupo de criminosos que cometem crimes durante mais tempo, variando o tipo de crime (Vieira, 2010). Os ofensores que agridem as suas vítimas de uma forma continuada, quer física ou psicologicamente, cujo padrão comportamental engloba manipulação e hostilidade, são frequentemente diagnosticados como psicopatas (Soeiro & Gonçalves, 2010). Porém, é necessário acrescentar que nem todos os criminosos são psicopatas, e que existem indicadores de psicopatia mesmo em indivíduos que nunca tenham cometido qualquer ato criminoso (Vien & Beech, 2006).

É importante ter em conta que o constructo de psicopatia não deve ser utilizado de forma isolada como preditor desses comportamentos agressivos, sendo necessário ter em conta outras variáveis explicativas e preditoras (Brown & Forth, 1997). A falta de empatia, uma das principais características da psicopatia, é um dos principais facilitadores da passagem ao ato da ofensa sexual (Covell & Scalora, 2002), como já foi referido. Os ofensores sexuais que apresentam maiores índices de psicopatia apresentam igualmente menor capacidade empática para com os outros (Fernandez & Marshall, 2003).

Exposto isto, os psicopatas apresentam uma necessidade de ter comportamentos de risco, associando tal fato à noção de sensation seeking, que, associados à sua capacidade de manipulação, torna os outros meios importantes e acessíveis para atingir os seus fins (Fernandez & Marshall, 2003). Essa necessidade, aliada à baixa autoestima característica desta perturbação, leva à criação de distorções que irão permitir minimizar os danos causados às vítimas, desresponsabilizando os ofensores de modo a protegerem a sua autoestima,

concluindo-se assim que indivíduos psicopatas desenvolvem este tipo de distorções que, por sua vez, reduzem a empatia (Marshall et al., 1995; Marshall & Barbaree, 1990).

Capítulo IV – Objetivos e Hipóteses de Investigação

Todas as pessoas apresentam distorções cognitivas, quer tenham ou não consciência disso (Wallinius et al., 2011). Porém, as apresentadas pelos ofensores sexuais apresentam um conteúdo diferente que facilita a passagem ao ato, nomeadamente no que diz respeito à capacidade empática destes (Johnston & Ward, 1996). Os agressores sexuais apresentam uma tendência em infligir danos aos outros, e a população normativa, que não cometeu nenhum ato de ofensa sexual, utiliza as distorções que detêm de forma prossocial e adaptativa, tendo por base um conteúdo dissemelhante (Johnston & Ward, 1996; Ward et al., 1997). Desta forma, um dos objetivos do presente estudo passa por comparar o conteúdo das distorções presentes numa amostra forense (reclusos) e uma amostra normativa (estudantes).

A literatura permite ainda concluir que são várias as variáveis que, interagindo entre si, contribuem para a passagem ao ato por parte dos agressores sexuais; tal salienta a importância de serem integrados, nos modelos teóricos, diversos fatores potencialmente explicativos deste fenómeno complexo que é a agressão sexual (Ward & Beech, 2006). Assim, as distorções cognitivas, ainda que constando em grande parte dos modelos atuais, não podem ser vistas como o único fator explicativo (Vieira, 2010).

Assim sendo, foi elaborado um modelo que reflete a relação entre as distorções cognitivas, empatia, impulsividade e psicopatia. As distorções cognitivas dos ofensores sexuais, caracterizadas pela incapacidade de encarar os danos que os seus atos poderão ter para as vítimas e pela necessidade de proteção do próprio ofensor, reduzirão a empatia para com a vítima, facilitando a passagem ao ato. A psicopatia, bem como a elevada impulsividade, são preditores das distorções cognitivas, tendo em conta que os indivíduos psicopatas utilizam os outros como meios de atingir os seus fins, desencadeando distorções de minimização e negação, evitando o mau-estar gerado pelos seus atos. A elevada impulsividade do ofensor sexual, por seu turno, é preditora das distorções na medida em que estas últimas, ao diminuírem a capacidade empática, permitem que atos impulsivos, assentes na necessidade de gratificação imediata e incapacidade de adiar a excitação do momento, possam ser levados a cabo.

Uma vez que a presença de distorções cognitivas não é uma idiosincrasia dos ofensores sexuais, propõe-se que uma importante diferença entre as distorções destes indivíduos e as dos não ofensores possa estar no conteúdo das distorções. Nomeadamente, distorções como desamparo (incapacidade de controlar o que lhe acontece), desespero (pouca esperança no

futuro) e preocupação com o perigo espera-se que estejam negativamente correlacionadas com a empatia. Na realidade, existe uma tendência dos ofensores para combaterem essas distorções, ao tentarem ter o máximo de controlo das situações através de uma posição de domínio face à vítima; assim, aquelas distorções atuarão como inibidoras da empatia e, como tal, facilitadoras de comportamentos sexuais agressivos.

A ideia base deste estudo seria testar, efetivamente, o modelo apresentado. Contudo, a dimensão reduzida da amostra levou a que tal fosse adiado para uma investigação futura, visto não ser possível testar o modelo entre as variáveis apresentadas. Posto isto, as hipóteses formuladas são as seguintes:

Hipótese 1. O conteúdo das distorções apresentadas pelos agressores é diferente do conteúdo das distorções da população normativa.

Hipótese 2. As distorções cognitivas apresentam um efeito direto no comportamento sexual agressivo.

Hipótese 3. A falta de empatia facilita os atos de ofensa sexual.

Hipótese 4. As distorções cognitivas reduzem a capacidade empática dos ofensores, existindo uma correlação negativa entre os dois constructos.

Capítulo V – Método

5.1. Participantes

Foram recolhidos dados junto de duas amostras: amostra forense (N= 84), composta por indivíduos a cumprir pena de prisão num Estabelecimento Prisional, cujo nome não será revelado por questões de confidencialidade; e amostra normativa (N= 200) com estudantes universitários de diversas universidades de Lisboa e Margem Sul do Tejo, e alunos que integram o programa das novas oportunidades no Centro de Formação Profissional da Indústria da Construção Civil e Obras Públicas do Sul (CENFIC). Foram ambas amostras de conveniência¹.

A necessidade de equipar ambas as amostras ao nível das habilitações literárias e faixa etária levou à introdução de formandos do CENFIC, cujas características se assemelham mais com a amostra forense de modo a tornar a comparação entre as amostras mais fiável. O número total de participantes seria, idealmente, igual para ambas as populações, mas tal foi difícil de alcançar tendo em conta a acessibilidade mais limitada aos reclusos.

Todos os participantes foram do sexo masculino. A média das idades da amostra forense rondou os 39 anos (M= 39,11; DP= 10,941). Já a amostra normativa apresentou menos idade, cerca de 29 (M= 28,67; DP= 11, 588). Relativamente às habilitações literárias, os reclusos apresentaram menos escolaridade, em que a maioria dos participantes (47,5%) detinha estudos ao nível do 2º ciclo, seguido do 3º ciclo (28,8%); e os estudantes ao nível do ensino secundário (55,1%) e do 3º ciclo (22,2%). Tanto na amostra forense como na amostra normativa, a maioria dos participantes eram solteiros (57,5% e 87,9%, respetivamente).

Os reclusos têm uma média de tempo de pena de cerca de 95 meses (M=94,95; DP=63,614), ou seja, aproximadamente 8 anos. O indivíduo com mais tempo de pena a cumprir apresentou 300 meses (25 anos). A tipologia do crime foi dividida em “crimes violentos” e “outros crimes”. Dos 84 participantes da amostra forense, 51 (66,2%) cometeram crimes violentos, dos quais fazem parte os agressores sexuais. Foi necessária esta codificação pois seria complexo questionar diretamente aos reclusos o seu crime em particular, nomeadamente crimes de ofensa sexual. A maior parte revelou não ser reincidente (66,3%). Embora 40,5% dos participantes não tenham respondido a esta questão, dos que responderam,

¹ Caracterização da amostra no Anexo A.

66% não havia tido medidas alternativas à prisão, 12% tinham tido pena suspensa, seguido de 6% com pena precária.

5.2. Instrumentos

Para levar a cabo o estudo em questão, foram utilizados os seguintes instrumentos que medem as distorções cognitivas e empatia: Escala de Distorções Cognitivas (Cognitive Distortions Scale; CDS; Briere, 2000), e Índice de Reatividade Interpessoal (The Interpersonal Reactivity Index; Davis, 1980)².

A Escala de Distorções Cognitivas (CDS) é composta por 40 itens que medem os seguintes tipos de distorções cognitivas: *Self-Criticism/Autocriticismo* (tendência para criticar-se ou desvalorizar-se, refletindo uma visão bastante negativa de si próprio); *Self-Blame/Autoculpabilização* (culpabilização das situações que acontecem à sua volta e consigo próprio); *Helplessness/Desamparo* (incapacidade de controlar os eventos que lhe acontecem); *Hopelessness/Desespero* (pouca esperança no futuro, pessimismo em relação a melhorias na sua vida); *Preoccupation With Danger/Preocupação Com o Perigo* (tendência para ver o mundo como um lugar perigoso). Cada escala possui oito itens, que são avaliados numa escala de 1 (nunca) a 5 (com muita frequência), sendo que maiores valores indicam mais distorções cognitivas. A versão utilizada foi a traduzida por Saramago, Almeida e Soeiro (2011).

Esta escala foi validada por Briere (2000), apresentando um alfa de Cronbach de .93 numa amostra normativa, e .96 numa amostra clínica. Conclui-se que é uma medida confiável na avaliação das distorções cognitivas em populações normativa e clínica, carecendo de validação junto de amostras forenses e na população portuguesa.

O Índice de Reatividade Interpessoal (IRI) possui 24 itens que avaliam quatro subescalas da empatia: *Adotar uma Perspetiva* (capacidade de se colocar no lugar do outro); *Preocupação Empática* (sentimentos de compaixão e preocupação); *Fantasia* (capacidade de se lugar no lugar de personagens fictícias e experienciar os seus sentimentos e emoções); *Angústia Pessoal* (desconforto em situações que desencadeiam emoções intensas). Face a cada afirmação apresentada, o indivíduo terá que indicar se esta se aplica a si próprio,

² Instrumentos apresentados no Anexo B.

respondendo de 0 (não me descreve bem) a 4 (descreve-me bem). Valores mais altos revelam maior capacidade empática.

A versão portuguesa utilizada foi criada e validada por Limpo, Alves e Castro (2010) que, após retirarem um item de cada subescala, apresentou uma boa consistência interna de cada uma delas: .73 em adotar uma perspectiva; .76 na preocupação empática; .80 na angústia pessoal; e .84 na de fantasia. É um dos instrumentos mais utilizados para medir a empatia, que apresenta uma boa consistência interna e abrange as várias dimensões do constructo (Davis, 1980; Limpo et al., 2010).

De referir que na escala da empatia necessário inverter alguns itens cujo sentido conceptual se encontrava diferente dos restantes antes de se proceder às análises.

5.3. Procedimento

Todas as recolhas foram realizadas em grupo. Os instrumentos foram de autopreenchimento. Foi pedido a cada participante que assinasse o termo de consentimento informado (ver Anexo C), autorizando a sua participação voluntária no estudo. No início de cada sessão foi dada uma breve explicação dos objetivos da investigação, sendo estes esclarecidos em maior detalhe com a distribuição do *debriefing* (ver Anexo D) no final. O tempo estimado para o preenchimento dos questionários era de 20 minutos.

A recolha de dados junto da amostra forense decorreu em salas de convívio, em duas sessões grupais, agendadas previamente com o Estabelecimento Prisional em questão. Foi explicado que pretendíamos recolher informações sobre algumas características, que iriam servir apenas para dar continuidade a um estudo sobre os reclusos, de modo a melhor a forma como se lida com os mesmos, e também o sistema prisional em si. A participação era voluntária mas todos demonstraram interesse em participar. Devido à baixa escolaridade de grande parte deles, foi necessário mais tempo do que o estimado.

A aplicação dos questionários na amostra de estudantes universitários foi levada a cabo em várias salas de aula cedidas para o efeito. Os participantes foram recrutados nos pátios das universidades, ou através de contatos via e-mail agendando as sessões. A recolha dos dados dos estudantes do CENFIC decorreu numa sala das instalações do centro, com um agendamento de duas sessões de recolha em grupo. Foi explicado que pretendíamos avaliar as crenças dos participantes e formas de pensar relativamente a algumas situações. Embora os

alunos do CENFIC apresentassem maiores dificuldades de compreensão de algumas questões, o tempo de preenchimento dos questionários não excedeu os 30 minutos.

Capítulo VI – Resultados

O objetivo inicial da análise estatística dos dados incluía a realização de uma análise fatorial confirmatória do modelo das distorções cognitivas utilizando o software Analysis of Moment Structures (AMOS; aplicação do programa Statistical Package for the Social Sciences SPSS), no qual as relações gráficas entre as variáveis do modelo proposto seria estabelecidas. Contudo, devido à reduzida amostra (N=285), os resultados do ajustamento do modelo não foram aceitáveis, não tendo sido possível prosseguir nem testar um modelo mais complexo, como era o desejado.

Assim, numa primeira fase foi realizada uma análise fatorial exploratória, tendo sido extraídos os fatores das escalas de distorções cognitivas e de empatia, e os quais serviram de base a análises posteriores.

6.1. Análise Fatorial Exploratória

Os 40 itens que compõe a CDS foram submetidos a uma análise fatorial exploratória, utilizando o método de análise de componentes principais (ACP)³. A medida de Kaiser-Meyer-Olkin confirmou uma adequação da amostra para a análise (KMO= .90), ultrapassando o valor mínimo recomendado de .60.

A análise exploratória revelou a presença de quatro componentes com eigenvalues superiores a 1, representando 28,6%, 7,5%, 5% e 4,2%, respetivamente, da variância explicada. Os quatro fatores extraídos explicam, na totalidade, 45,4% da variância. O scree plot confirmou a extração deste número de fatores. A rotação varimax revelou que todos os componentes apresentam loadings acima de .50, chegando alguns itens a ultrapassar o valor de .70. Os quatro componentes desta extração não coincidem com os cinco fatores originais da escala, mas a interpretação dos mesmos é consistente com a teoria subjacente ao instrumento.

Os fatores extraídos, e respetivos alfas de Cronbach, foram os seguintes: Desespero e Desamparo ($\alpha = .88$)⁴; Pessimismo ($\alpha = .76$)⁵; Visão Negativa ($\alpha = .67$)⁶; Auto-Criticismo

³ Análise fatorial exploratória e consistência interna da CDS no Anexo E.

⁴ E.g. “Pensar que a sua vida nunca irá melhorar”.

⁵ E.g. “Pensar que alguém irá magoá-lo”.

⁶ E.g. “Esperar ser maltratado pelas outras pessoas”.

($\alpha = .69$)⁷. Confirma-se a existência de consistência interna em cada uma das sub-escalas, sendo a primeira considerada boa ($\alpha > .80$) e as restantes aceitáveis ($\alpha > .60$). Contudo, visto que a Visão Negativa continha itens com correlações inter-itens inferiores a .40, a mesma foi retirada da análise, ficando assim três componentes principais que compõem a escala na presente amostra.

Efetou-se a mesma análise para o IRI⁸. A adequação da amostra foi confirmada (KMO = .80). Foram extraídos quatro fatores com eigenvalues superiores a 1 que explicam 19.2%, 11.2%, 9% e 6% da variância, respetivamente. A variância total explicada pelos componentes extraídos é de 45.6%. A análise do scree plot revela uma quebra a partir do quarto componente, confirmando esta extração. Uma vez mais, os fatores extraídos diferem dos fatores originais, mantendo-se no entanto a base teórica do constructo medido. As correlações das variáveis com cada um dos respetivos fatores apresentaram um valor acima de .50, alcançando-se tais resultados através da rotação varimax.

Obtiveram-se os seguintes fatores: Tomada de Perspetiva⁹; Angústia Pessoal¹⁰; Fantasia¹¹; Preocupação Empática¹². A análise da consistência interna das sub-escalas revelou um alfa de Cronbach de .78 para o primeiro componente apresentado. Relativamente à sub-escala de Fantasia, esta obteve uma aceitável consistência interna ($\alpha = .71$), após a eliminação do item “Facilmente me deixo envolver nos sentimentos das personagens de um romance” que apresentava uma correlação inter-itens reduzida ($\alpha = .31$). Os restantes fatores foram retirados da estrutura final da escala de empatia, visto apresentarem alfas de Cronbach de -.26 e .55, respetivamente.

6.2. Comparação das Distorções entre Amostra Forense e Amostra Normativa

Para a comparação do conteúdo das distorções entre os ofensores e a amostra normativa, foram realizados testes t para amostras independentes (ver Anexo G), que mostram que existem diferenças no conteúdo das distorções entre amostras, nomeadamente nos fatores Desespero e Desamparo, e Pessimismo, que apresentam uma média significativamente mais

⁷ E.g. “Não gostar de si mesmo”.

⁸ Análise fatorial exploratória e consistência interna do IRI no Anexo F.

⁹ E.g. “Acredito que uma questão tem sempre dois lados e tento olhar para ambos”.

¹⁰ E.g. “Quando vejo alguém numa emergência a precisar muito de ajuda, fico completamente perdido”.

¹¹ E.g. “Quando vejo um bom filme, consigo facilmente colocar-me no lugar do protagonista”.

¹² E.g. “As desgraças dos outros não me costumam perturbar muito”.

elevada na amostra forense ($p \leq .05$): Desespero e Desamparo ($M_{forense} = 24.32$; $DP_{forense} = 5.11$; $M_{normativa} = 19.09$; $DP_{normativa} = 7.46$; $t(112.19) = -4.22$ $p = .000$); Pessimismo ($M_{forense} = 20.16$; $DP_{forense} = 5.11$; $M_{normativa} = 15.56$; $DP_{normativa} = 4.70$; $t(138.90) = -6.96$ $p = .000$). Para o índice de Auto-Criticismo não se verificaram diferenças significativas entre as duas amostras ($p > .05$): ($M_{forense} = 6.06$; $DP_{forense} = 1.98$; $M_{normativa} = 5.52$; $DP_{normativa} = 2.43$; $t(276) = -1.78$ $p = .075$). Este resultado confirma parcialmente a hipótese de que existem diferenças no conteúdo das distorções entre ofensores e não ofensores: maior nível de distorção de Desespero e Desamparo, e Pessimismo na amostra forense, mas ausência de diferenças no Auto-Criticismo.

6.3. Efeito das Distorções no Comportamento Sexual Agressivo

Para testar o efeito direto das distorções cognitivas no comportamento da amostra forense (ver Anexo H) foi realizada uma análise de regressão logística, visto a variável dependente ser dicotômica (“outros crimes” – 0; “crimes violentos” – 1). Foram considerados 59 reclusos nesta análise pois 27 da amostra forense total ($N = 84$) têm dados omissos nas variáveis preditivas.

Uma vez que na regressão logística não se aplica a estatística r^2 , uma das formas de se medir a adequação do modelo pode ser através do índice -2 Log Likelihood, sendo que quanto menor for este valor, melhor a qualidade do modelo. Neste caso, $-2LL = 71.652$.

Como se pode verificar na tabela 6.1., todos os níveis de significância são superiores a .05, logo nenhum dos componentes das distorções cognitivas é significativo na predição do comportamento sexual agressivo por parte dos indivíduos, não confirmando a hipótese de que as distorções apresentam um efeito direto no comportamento sexual agressivo.

Tabela 6.1.

	B (SE)	Wald	Significância	Exp(B)
Desespero e Desamparo	-.138 (.228)	.364	.546	.871
Pessimismo	-.341 (.264)	1.668	.197	.711
Auto-Criticismo	-.275 (.256)	1.152	.283	.759
Constante	1.007 (.359)	7.849	.005	2.737

Análise dos parâmetros da regressão dos fatores das distorções como preditores do comportamento agressivo.

6.4. Efeito da Empatia no Comportamento Sexual Agressivo

Foi acrescentada à anterior análise os fatores da empatia para verificar o seu efeito no comportamento, com a mesma codificação dicotômica da variável dependente já referida (ver Anexo I). Os mesmos 59 participantes foram considerados.

O -2LL diminuiu de 71.652 para 68.379 por dois graus de liberdade, com a introdução dos dois preditores da empatia. Para dois preditores é necessária uma diferença de -2LL= 5.9915, significando que a empatia não deu uma contribuição significativa ao modelo.

A empatia não apresenta valores significativos na predição dos comportamentos por parte dos reclusos, uma vez que a Tomada de Perspetiva e a Fantasia apresentam níveis de significância superiores a .05. Contudo, o preditor Tomada de Perspetiva aparenta ser tendencialmente significativo, com $p= 0.099$. A tabela 6.2. apresenta os resultados desta análise. Como o valor de Exp(B), que representa o valor Odd Ratio (OR) para este preditor, não é superior a 1 (OR= .610), inverte-se o valor ($1/.610= 1.64$), concluindo-se que os reclusos com um valor a mais neste fator são 1.64 vezes menos capazes de cometer um crime violento, do que os participantes com um valor a menos. Desta forma, a hipótese do efeito da empatia no comportamento sexual agressivo não é apoiada. Porém, embora o valor da Tomada de Perspetiva não seja significativo, pode observar-se uma tendência dos reclusos com valores mais elevados neste fator em evitar comportamentos agressivos.

Tabela 6.2.

	B (SE)	Wald	Significância	Exp(B)
Desespero e Desamparo	-.092 (.236)	.151	.697	.912
Pessimismo	-.178 (.292)	.372	.542	.837
Auto-Criticismo	-.308 (.273)	1.275	.259	.735
Tomada de Perspetiva	-.494 (.299)	2.727	.099	.610
Fantasia	.129 (.290)	.197	.657	1.139
Constante	1.080 (.390)	7.662	.006	2.945

Análise dos parâmetros da regressão dos fatores das distorções e da empatia como preditores do comportamento agressivo.

6.5. Correlações entre Distorções e Empatia

A relação entre os fatores que compõe as distorções e os da empatia na amostra forense foi analisada utilizando o coeficiente de correlação de Pearson (ver Anexo J). Verificou-se uma correlação positiva significativa forte entre o Pessimismo e os dois fatores da empatia – Tomada de Perspetiva ($r = .34$, $n = 71$; $p = .003$) e Fantasia ($r = .24$, $n = 71$; $p = .039$), a um nível de significância de 0.01 e 0.05, respetivamente. As restantes correlações não foram significativas, como se pode constatar na Tabela 6.1, sendo a última hipótese do presente estudo não apoiada por estes resultados, não se verificando nenhuma relação negativa significativa entre as variáveis.

Tabela 6.3.

CDS	IRI	
	Tomada de Perspetiva	Fantasia
Desespero e Desamparo	.179	.046
Pessimismo	.344**	.246*
Auto-Criticismo	-.075	.144

*Relação entre distorções cognitivas e empatia. Nota: * $p < 0.05$; ** $p < 0.01$.*

Capítulo VII – Discussão

O objetivo geral da presente investigação passava por estudar o papel das distorções cognitivas no comportamento sexual agressivo, sendo esta variável, conjuntamente com a baixa empatia, considerada na literatura como uma das mais importantes na passagem ao ato de ofensa sexual. Apesar da presença de distorções cognitivas não ser exclusivamente característica de ofensores sexuais, o conteúdo das distorções evidenciadas por esses indivíduos será distinto do de não ofensores.

Assim sendo, a hipótese 1 do estudo afirmava que o conteúdo das distorções seria diferente entre as amostras forense e normativa, sendo esperado que os reclusos apresentassem mais distorções cognitivas do tipo desespero, desamparo e pessimismo que os estudantes universitários. Esta hipótese foi parcialmente apoiada, não existindo diferenças em todos os tipos de distorções medidos pelo instrumento. Os reclusos relatam sentirem-se mais desesperados e desamparados, e também pessimistas, do que a população normativa; no entanto, não foram observadas diferenças no índice de Auto-Criticismo. Embora a teoria refira que as distorções mais frequentes nos agressores sexuais sejam a minimização e a negação (Marshall et al., 1999), o instrumento utilizado não contemplava esse tipo de crenças. Porém, segundo Ward (2000), a noção de perigo leva a que os indivíduos sintam necessidade de se defenderem, controlando e dominando as situações. O Desespero/Desamparo e Pessimismo revelam uma sensação de desconforto relativamente à realidade, repercutindo-se em ideias erróneas que levam a que os ofensores ajam de modo a proteger as suas inseguranças, assumindo sempre o pior em relação aos outros, às suas intenções, e às próprias situações (Ward, 2000). Tal pode estar também relacionado com o próprio contexto em que os reclusos se encontram no atual momento. Quanto à ausência de diferenças no índice de Auto-Criticismo, é natural que os estudantes apresentem valores elevados neste fator pois encontram-se sujeitos a stress e ansiedade devido ao fato de frequentarem o primeiro e segundo ano de faculdade, na sua grande maioria. Como tal, estão numa fase de adaptação, que nem sempre é bem sucedida, o que poderá levar a sentimentos menos positivos em relação a si próprios e às suas capacidades.

Esperava-se também que as distorções apresentassem um efeito direto no comportamento sexual agressivo (hipótese 2). Tal hipótese não foi confirmada, não se verificando nenhum preditor significativo no comportamento. Tal poder-se-á dever à necessidade já expressa da introdução de mais variáveis na explicação da passagem ao ato, uma vez que as abordagens

explicativas contemplam cada vez uma visão multidimensional e integrativa do fenómeno (Ward et al., 2000; Ward & Beech, 2006). Daí a necessidade de, futuramente, testar o modelo que se pretendia estudar com a presente investigação.

O mesmo se aplica à hipótese 3, de acordo com a qual a empatia facilitará a passagem ao ato de ofensa sexual. Ainda que se tenha verificado uma tendência para que a Tomada de Perspetiva assuma um papel significativo na predição da passagem ao ato, globalmente a empatia não previu o comportamento. Os indivíduos, ao apresentarem a capacidade de se colocarem no lugar do outro, ostentam uma menor possibilidade de infligir danos a terceiros, visto que o fato de reconhecerem o estado emocional dos outros e serem capazes de se identificarem com o mesmo é o primeiro passo para o desenvolvimento da capacidade empática (Marshall et al., 1995). Por esta razão, a tendência significativa da Tomada de Perspetiva confirma esta ideia, embora os resultados não permitam confirmar a hipótese. A mesma justificação relativamente à hipótese 2 pode ser aplicada igualmente nesta hipótese – é necessária a introdução de várias variáveis, pois uma isolada não explica a totalidade da passagem ao ato (Ward et al., 2000).

Por fim, a correlação negativa entre as distorções e a empatia (hipótese 4) esperada não foi, igualmente, apoiada pelos resultados do estudo. Verificou-se apenas uma correlação positiva significativa entre o Pessimismo e a Tomada de Perspetiva e Fantasia, contudo esperava-se que esta fosse inversa, i.e., que quanto maior fosse o nível de pessimismo dos indivíduos, menor a capacidade de se colocar no lugar dos outros. A relação positiva observada pode estar relacionada com um quadro depressivo por parte dos participantes com níveis elevados de pessimismo, que os colocam numa posição de serem capazes de compreender os outros e o seu sofrimento. Contudo, tal não impede que a sua necessidade de se protegerem não seja a sua prioridade, levando a que um contexto específico experienciado como negativo desencadeie uma resposta automática de preservação de si próprios e do seu bem-estar (Ward, 2000; Ward & Casey, 2010).

De uma forma geral, as hipóteses formuladas com base na literatura não tiveram apoio nos dados recolhidos e analisados. Foram encontradas diferenças significativas em dois dos três fatores que compõe a escala das distorções, confirmando a ideia de que a preocupação com o perigo e o futuro são distorções importantes na compreensão das crenças desajustadas que fundamentam a ação dos ofensores sexuais. Contudo, o efeito preditivo destas distorções, bem como da empatia, no comportamento dos reclusos não foi significativo, ao contrário do esperado. Com os dados recolhidos não se pode afirmar que estas duas variáveis,

isoladamente, tenham um efeito direto no comportamento em estudo. As relações entre ambas também não foram as esperadas, não sendo possível confirmar que as distorções, na população forense, reduzem a empatia, facilitando o comportamento sexual agressivo.

Embora os resultados não sejam os esperados, estes confirmam um aspeto apresentado na literatura e referido na presente dissertação: não é só o conteúdo das distorções que dita a passagem ao ato, mas sim todo o processo em si e todas as variáveis que interagem para que tal aconteça (Ward et al., 1997).

Conclusão

Os resultados obtidos não permitiram confirmar a ideia já partilhada pelos investigadores desta área de que as distorções cognitivas exercem um papel de destaque na explicação do comportamento sexual agressivo. Embora as diferenças entre as amostras reflitam que os reclusos apresentem mais distorções que os estudantes universitários, não foi possível confirmar de que forma estas se relacionam com a empatia e o comportamento em si. Uma limitação que contribui para a explicação deste fenómeno passa pelo próprio instrumento utilizado para medir as distorções. Embora seja considerado uma medida fiável, reflete apenas as distorções mais frequentes na população normativa (Briere, 2000). Optou-se pela inclusão deste instrumento numa tentativa de validá-lo junto da amostra forense, mas concluiu-se que não engloba as principais distorções explicativas e impulsionadoras de atos sexuais agressivos. Para resultados futuros mais específicos para este tipo de população, recomenda-se a utilização de instrumentos que incluam medidas de distorções do tipo minimização ou negação, que são as mais frequentemente encontradas nos ofensores (Marshall et al., 1999).

Não é de surpreender que os resultados dos efeitos diretos das distorções e empatia no comportamento sexual não tenham sido os desejados, pois a literatura faz menção à necessidade de integração de diversas variáveis explicativas em modelos integrativos (Ward et al., 2000; Ward & Beech, 2006). Por esta razão, a ideia inicial seria incluir as variáveis de psicopatia e impulsividade no modelo. Contudo, a dimensão da amostra foi um impedimento para que tal fosse exequível de testar, inclusivamente o efeito mediador da empatia referenciado por Ward e colegas (2000). De fato, a reduzida amostra, principalmente da população forense, foi a grande limitação deste estudo. Desta forma, apenas foi possível testar os efeitos diretos. Embora a amostra não tenha sido a desejada, foi um desafio recolher os dados junto de 84 reclusos. É uma população complexa, de difícil acesso, cujo contexto em que se encontram dificulta ainda mais a recolha e que pode, de certa forma, comprometer alguns resultados. O próprio acesso direto aos agressores sexuais é difícil, e por essa razão não foi questionado diretamente o crime em específico mas sim a sua tipologia – crimes violentos (crimes contra pessoas, como homicídios ou agressão sexual) e outros crimes (crimes contra o património, como assaltos ou consumos). O fato de a amostra não ser exclusivamente composta por ofensores sexuais pode ter contribuído para os resultados apresentados. Numa linha de investigação futura, penso ser importante aumentar a amostra

para poder ser testado o modelo proposto, tentando incluir o máximo de agressores sexuais possível.

É imprescindível dar continuidade a estudos nesta área em específico, pois ainda existem várias ideias erradas quanto às motivações desta população, e uma incerteza relativamente a todo o processo desencadeador, embora existam evidências das variáveis que interagem entre si e que facilitam os comportamentos (Ward et al., 2000). Em Portugal existe pouco investimento de estudos nesta área, sendo de extrema importância inverter este cenário, de modo a desenvolverem-se programas de intervenção junto dos ofensores (Vieira, 2010).

Termino a redação deste estudo da mesma forma que o iniciei: para compreender o que está por detrás da agressão por parte dos indivíduos, é necessário compreender o que os motiva e como as variáveis atuam entre si. O processo é tão importante quanto o conteúdo, e tudo passa pelo nível da cognição humana (Sestir & Bartolow, 2007).

Referências

- Abel, G., Becker, J. & Cunningham-Rathner, J. (1984). Complications, consent and cognitions in sex between children and adults. *International Journal of Law and Psychiatry*, 7, 89-103.
- Abel, G., Gore, D., Holland, C., Camp, N., Becker, J. & Rathner, J. (1989) The measurement of the cognitive distortions of child molesters, *Annals of Sex Research*, 2, 135-53.
- Abel, G. & Rouleau, J. (1990). The nature and extent of sexual assault. Em W. L. Marshall, D. R. Laws & H. E. Barbaree (Eds.). *Handbook of sexual assault: Issues, theories, and treatment of the offender* (pp. 9 - 12). New York: Plenum.
- Abramson, L., Seligman, M. & Teasdale, J. (1978). Learned helplessness in humans: Critique and reformulation. *Journal of Abnormal Psychology*, 87, 49-74.
- Almeida, F. (1999). *Homicidas em Portugal*. Maia: Instituto Superior da Maia.
- Anderson, D. & Dodgson, P.G. (2002). Empathy deficits, self-esteem, & cognitive distortions in sexual offenders. Em Y.M. Fernandez (Ed.). *In their shoes: Examining the issue of empathy and its place in the treatment of offenders* (pp. 73-90). Oklahoma City, OK: Wood 'N' Barnes Publishing.
- Balhs, S. & Navolar, A. (2004). Terapia cognitivo-comportamental: conceitos e pressupostos teóricos. *Psico UTP On-line*, 4, 1-11.
- Barbaree, H. (1991). Denial and minimization among sex offenders: Assessment and treatment outcome. *Forum on Corrections Research*, 3, 30-33.
- Barratt, E., 1985. Impulsiveness subtraits: arousal and information processing. Em J. T. Spence, & C. E. Izard (Eds.). *Motivation, emotion, and personality* (pp. 137-143). Elsevier Science Publishers, New York.
- Barriga, A., Landau, J., Stinson, B. , Liau, A. & Gibbs, J. (2000). Cognitive distortion and problem behaviors in adolescents. *Criminal Justice and Behavior*, 27, 36-56.
- Beck, A. (1963). Thinking and depression: 1. Idiosyncratic content and cognitive distortions. *Archives of General Psychiatry*, 9, 324-333.
- Beck, A. (1997). *Terapia cognitiva: teoria e prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Blaine, B. & Crocker, J. (1993). Self-esteem and self-serving biases in reactions to positive and negative events: An integrative review. Em R. F. Baumeister (Ed.). *Self-esteem: The puzzle of low self-regard* (pp. 55-85). New York: Plenu Press.
- Bowins, B. (2004). Psychological defense mechanisms: A new perspective. *The American Journal of Psychoanalysis*, 64(1), 1-26.
- Braithwaite, J. & Braithwaite, V. (2001). *Crime, shame and reintegration*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Briere, J. (2000). *The cognitive distortions scales professional manual*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Brown, S. (2005). *Treating sexual offenders. An introduction to sexual treatment programmes*. Devon UK: Willan.
- Brown, S. & Forth, A. (1997). Psychopathy and sexual assault: static risk factors, emotional precursors, and rapist subtypes. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65(5), 848-857.
- Ciardha, C. Ó. & Ward, T. (2013). Theories of cognitive distortions in sexual offending: What the current research tells us. *Trauma, Violence, & Abuse*, 14(1), 5-21.
- Cleckley, H. (1941/1976). *The mask of sanity* (5th ed.). St. Louis: Mosby
- Covell, C. & Scalora, M. (2002). Empathic deficits in sexual offenders: An integration of affective, social, and cognitive constructs. *Aggression and Violent Behavior*, 7, 251-270.

- Crick, N. & Dodge, K. (1994). A review and reformulation of social information-processing mechanisms in children's social adjustment. *Psychological Bulletin*, *115*, 74-101.
- Davis, M. H. (1980). A multidimensional approach to individual differences in empathy. *JSAS Catalog of Selected Documents in Psychology*, *10*.
- Dodge, K. (1993). Social-cognitive mechanisms in the development of conduct disorder and depression. *Annual Review of Psychology*, *44*, 559-584.
- Eiser, J. & Van der Pligt, J. (1988). *Attitudes and decisions*. London, England: Routledge.
- Faller, K. (1989). Why sexual abuse? An exploration of the intergenerational hypothesis. *Child Abuse & Neglect*, *13*, 543-548.
- Fernandez, Y. & Marshall, W. (2003). Victim empathy, social self-esteem and psychopathy in rapists. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, *15*, 11-26.
- Friestad, C. (2011). Making sense, making good, or making meaning? Cognitive distortions as targets of change in offender treatment. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, *20*(10), 1-18.
- Gibbs, J. (1991). Sociomoral developmental delay and cognitive distortion: Implications for treatment of anti-social youth. Em W. M. Kurtines (Ed.). *Handbook of moral behaviour and development*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Ass. Publishers.
- Gibbs, J., Potter, G. & Goldstein, A. (1995). *The EQUIP program: Teaching youth to think and act responsibly through a peer-helping approach*. Champaign, IL: Research Press.
- Gonçalves, R. & Vieira, S. (2005). A avaliação do estilo de vida criminal em ofensores sexuais. *Psicologia, Teoria, Investigação e Prática*, *1*, 081-092.
- Gopnik, A. & Meltzoff, A. (1997). *Words, thoughts, and theories*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Grant, J. & Bateman, T. (1993). Assignment of credit and blame for performance outcomes. *Academy of Management Journal*, *36*, 7-27.
- Hanson, R. & Morton-Bourgon, K. (2005). The characteristics of persistent sexual offenders: A meta-analysis of recidivism studies. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *73*(6), 1154-1163.
- Hanson, R. & Scott, H. (1995). Assessing perspective-taking among sexual offenders, nonsexual criminals, and nonoffenders. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, *7*, 259-277.
- Hare, R. (2003). *The Hare psychopathy checklist-revised*. Toronto, ON, Canada: Multi Health Systems.
- Hare, R., Clark, D., Grann, M. & Thornton, D. (2000). Psychopathy and the predictive validity of the PCL-R: An international perspective. *Behavioral Sciences and the Law*, *18*, 623-645.
- Harris, G., Rice, M. & Cormier, C. (1991). Psychopathy and violent recidivism. *Law and Human Behavior*, *15*(6), 625-637.
- Hart, S. & Hare, R. (1998). Association between psychopathy and narcissism. Em E. F. Ronningstam (Ed). *Disorders of Narcissism* (pp. 416- 436). Washington, DC, US: American Psychiatric Press, Inc.
- Hart, S., Kropp, P. & Hare, R. (1988). Performance of male psychopaths following conditional release from prison. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *56*, (2), 227-232.
- Hartley, C. (1998). How incest offenders overcome their inhibitions through the use of cognitions and cognitive distortions. *Journal of Interpersonal Violence*, *13*, 25-39.
- Hebb, D. (1955). Drives and the CNS (conceptual nervous system). *Psychological Review*, *62*, 243-254.

- Heider, F. (1958). *The Psychology of Interpersonal Relations*. New York: Wiley.
- Hogan, R. (1969). Development of an empathy scale. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 33, 307-316.
- Houston, R. & Stanford, M. (2005). Electrophysiological substrates of impulsiveness: potential effects on aggressive behavior. *Progress in Neuro-Psychopharmacology & Biological Psychiatry*, 29, 305– 313.
- Johnston, L. & Ward, T. (1996). Social cognition and sexual offending: A theoretical framework. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 8, 55-80.
- Jones, E. & Nisbett, R. (1971). *The Actor and the Observer: Divergent Perceptions of the Causes of Behavior*. New York: General Learning Press.
- Levenson, M., Kiehl, K. & Fitzpatrick, C. (1995). Assessing psychopathic attributes in a noninstitutionalized population. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68(1), 151-158.
- Limpo, T., Alves, R. & Castro, S. (2010). Medir a empatia: adaptação portuguesa do Índice de Reatividade Interpessoal. *Laboratório de Psicologia*, 2, 171-184.
- Marshall, W., Anderson, D. & Fernandez, Y. (1999). *Cognitive Behavioral Treatment of Sexual Offenders*. Forensic Clinical Psychology. England: John Wiley & Sons, LTD.
- Marshall, W. & Barbaree, H. (1990). An integrated theory of the etiology of sexual offending. Em W. E. Marshall, D. R. Laws, & H. E. Barbaree (Eds.) *Handbook of sexual assault: Issues, theory and treatment* (pp. 257-275). New York: Plenum
- Marshall, W., Hamilton, K. & Fernandez, M. (2001). Empathy deficits and cognitive distortions in child molesters. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 13, 123-131.
- Marshall, W., Hudson, S., Jones, R. & Fernandez, Y. (1995). Empathy in sex offenders. *Clinical Psychology Review*, 15, 99-113.
- Marshall, W., Marshall, L., Serran, G. & O'Brien, M. (2009). Self-esteem, shame, cognitive distortions and empathy in sexual offenders: Their integration and treatment implications. *Psychology, Crime & Law*, 15, 217-234
- Maruna, S. & Mann, R. (2006). A fundamental attribution error? Rethinking cognitive distortions. *Legal and Criminological Psychology*, 11, 155-177.
- Mihailides, S., Devilly, G. & Ward, T (2004) Implicit cognitive distortions and sexual offending. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 16(4), 333-350.
- Mobini, S., Pearce, M., Grant, A., Mills, J. & Yeomans, M. (2006). The relationship between cognitive distortions, impulsivity, and sensation seeking in a non-clinical population sample. *Personality and Individual Differences*, 40, 1153-1163.
- Moeller F., Barratt E., Dougherty D., Schmitz J. & Swann A. (2001). Psychiatric aspects of impulsivity. *American Journal of Psychiatry*, 158, 1783-1793.
- Moura, A. (2007). *A criança na perspectiva do abusador sexual*. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
- Nugent, P. & Kroner, D.(1996). Denial, response styles, and admittance of offenses among child molesters and rapists. *Journal of Interpersonal Violence*, 11, 475-486.
- Ohbuchi, K. (1988). Arousal of empathy and aggression. *Psychologia: An International Journal of Psychology*, 31,177-186.
- Patton, J., Stanford, M. & Barratt, E. (1995). Factor structure of the Barratt Impulsiveness Scale. *Journal of Clinical Psychology*, 51, 768-774.
- Pereira, A. & Gonçalves, R. (2009). Distorções cognitivas em agressores sexuais. *Ousar Integrar*, 2, 9-17.

- Pithers, W. (1994). Process evaluation of a group therapy component designed to enhance sex offenders' empathy for sexual abuse survivors. *Behaviour Research and Therapy*, 32, 565-570.
- Prentky, R. & Knight, R. (1986). Impulsivity in the lifestyle and criminal behavior of sexual offenders. *Criminal Justice and Behavior*, 13, 141-164.
- Rumelhart, D. E., & Ortony, A. (1977). The representation of knowledge in memory. Em R. C. Anderson, R. J. Spiro & W. E. Montague (Eds.), *Schooling and the acquisition of knowledge*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Schneider, S. & Wright, R. (2004). Understanding denial in sexual offenders: A review of cognitive and motivational processes to avoid responsibility. *Trauma, Violence, & Abuse*, 5(1), 3-20.
- Serin, R. (1996). Violent recidivism in criminal psychopaths. *Law and Human Behavior*, 20(2), 207-217.
- Sestir, M. A., & Bartolow, B. (2007). Theoretical explanations of aggression and violence. Em T. Gannon, T. Ward, A.R. Beech & D. Fisher (Eds.). *Aggressive offenders cognition. Theory, research and practice* (pp. 157-178). Chichester: John Wiley & Sons Ltd.
- Snyder, C. & Higgins, R. (1988). Excuses: Their effective role in the negotiation of reality. *Psychological Bulletin*, 104, 23-35.
- Soeiro, C. & Gonçalves, R. (2010). O estado de arte do conceito de psicopatia. *Análise Psicológica*, 1(28), 227-240.
- Stanford, M., Greve, K. & Dickens T. Jr. (1995). Irritability and impulsiveness: Relationship to self-reported impulsive aggression. *Personality and Individual Differences*, 19(5), 757-760.
- Stanford M., Webster, H. & Freedman, M. (1957). Impulsive expression as a variable of personality. *Psychological Monographs: General and Applied*, 71, 1-21.
- Tangney, J. (1995). Shame and guilt in interpersonal relationships. Em J.P. Tangney, & K.W. Fischer (Eds.). *Self-conscious emotions: The psychology of shame and guilt, embarrassment, and pride* (pp. 114-139). New York: Guilford Press.
- Thakker, J. & Ward, T. (2012). An integrated theory of sexual reoffending. *Psychiatry, Psychology and Law*, 19(2), 236-248.
- Vieira, S. (2010). *Ofensores sexuais: Das crenças ao estilo de pensamento*. Tese de Doutoramento em Psicologia, Universidade do Minho.
- Vien, A. & Beech, A. (2006). Psychopathy: theory, measurement, and treatment. *Trauma, Violence, & Abuse*, 7(3), 155-174.
- Wallinius, M., Johansson, P, Lardén, M. & Dernevok, M. (2011). Self-serving cognitive distortions and antisocial behavior among adults and adolescents. *Criminal Justice and Behavior*, 38(8), 286-301.
- Ward, T. (2000). Sexual offender's cognitive distortions as implicit theories. *Aggression and Violent Behavior*, 5(5), 491-507.
- Ward, T. & Beech (2006). An integrated theory of sexual offending. *Aggression and Violent Behavior*, 11, 44-63.
- Ward, T. & Casey, A. (2010). Extending the mind into the world: A new theory of cognitive distortions in sex offenders. *Aggression and Violent Behavior*, 15, 49-58.
- Ward, T., Hudson, S., Johnston, L. & Marshall, W. (1997). Cognitive distortions in sex offenders: An integrative review. *Clinical Psychology Review*, 17, 479-507.
- Ward, T. & Keenan, T. (1999). Child molesters' implicit theories. *Journal of Interpersonal Violence*, 14, 821-838.

- Ward, T., Keenan, T. & Hudson, S. (2000). Understanding cognitive, affective, and intimacy deficits in sexual offenders: A developmental perspective. *Aggression and Violent Behavior, 1*(5), 41-62.
- Whiteside, S. & Lynam, D. (2001). The five factor model and impulsivity: Using a structural model of personality to understand impulsivity. *Personality and Individual Differences, 30*, 669–689.
- Williams, C. (1990). Biopsychosocial elements of empathy: A multidimensional model. *Issues in Mental Health Nursing, 11*, 155-174.
- Wortman, C. (1976). Casual attributions and personal control. Em J. H. Harvey, W. Ickes & R. F. Kidd (Eds.), *New directions in attribution research* (pp. 23-52). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Anexos

Anexo A – Caracterização Sócio-Demográfica das Amostras

Statistics

Amostra universitária vs.
Amostra forense

N	Valid	284
	Missing	1

Amostra universitária vs. Amostra forense

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Amostra Universitária	200	70,2	70,4	70,4
	Amostra Forense	84	29,5	29,6	100,0
	Total	284	99,6	100,0	
Missing	System	1	,4		
Total		285	100,0		

Idade Amostra Forense

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade	83	21	68	39,11	10,941
Valid N (listwise)	83				

Idade Amostra Normativa

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade	199	18	63	28,67	11,588
Valid N (listwise)	199				

Habilitações Literárias Amostra Forense

Statistics

Habilitações literárias

N	Valid	80
	Missing	4
Minimum		1
Maximum		4

Habilitações literárias

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1º Ciclo	14	16,7	17,5	17,5
	2º Ciclo	38	45,2	47,5	65,0
	3º Ciclo	23	27,4	28,8	93,8
	Ensino Secundário	5	6,0	6,3	100,0
	Total	80	95,2	100,0	
Missing	System	4	4,8		
Total		84	100,0		

Habilitações Literárias Amostra Normativa

Statistics

Habilitações literárias

N	Valid	198
	Missing	2
Minimum		1
Maximum		7

Habilitações literárias

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1º Ciclo	2	1,0	1,0	1,0
	2º Ciclo	11	5,5	5,6	6,6
	3º Ciclo	44	22,0	22,2	28,8
	Ensino Secundário	109	54,5	55,1	83,8
	Licenciatura	29	14,5	14,6	98,5
	Mestrado	2	1,0	1,0	99,5
	Pós-Graduação	1	,5	,5	100,0
Total		198	99,0	100,0	
Missing	System	2	1,0		
Total		200	100,0		

Estado Civil Amostra Forense

Statistics

Estado civil

N	Valid	198
	Missing	2
Minimum		1
Maximum		4

Estado civil

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Solteiro	174	87,0	87,9	87,9
	Casado	21	10,5	10,6	98,5
	Divorciado/separado	2	1,0	1,0	99,5
	União de fato	1	,5	,5	100,0
	Total	198	99,0	100,0	
Missing	System	2	1,0		
Total		200	100,0		

Estado Civil Amostra Normativa

Statistics

Estado civil

N	Valid	80
	Missing	4
Minimum		1
Maximum		4

Estado civil

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Solteiro	46	54,8	57,5	57,5
	Casado	17	20,2	21,3	78,8
	Divorciado/separado	13	15,5	16,3	95,0
	União de fato	4	4,8	5,0	100,0
	Total	80	95,2	100,0	
Missing	System	4	4,8		
Total		84	100,0		

Tempo de Pena

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Tempo de pena	73	6	300	94,95	63,614
Valid N (listwise)	73				

Tipologia do Crime

Statistics

Tipologia de crime

N	Valid	77
	Missing	7
Minimum		0
Maximum		1

Tipologia de crime

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Outros crimes	26	31,0	33,8	33,8
	Crimes violentos	51	60,7	66,2	100,0
	Total	77	91,7	100,0	
Missing	System	7	8,3		
Total		84	100,0		

Reincidência

Statistics

Reincidência

N	Valid	80
	Missing	4
Minimum		1
Maximum		2

Reincidência

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	53	63,1	66,3	66,3
	Sim	27	32,1	33,8	100,0
	Total	80	95,2	100,0	
Missing	System	4	4,8		
Total		84	100,0		

Medidas Alternativas à Prisão

Statistics

Usufriuiu de medidas alternativas à pena de prisão?

N	Valid	50
	Missing	34
Minimum		1
Maximum		9

Usufriuiu de medidas alternativas à pena de prisão?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	33	39,3	66,0	66,0
	Liberdade condicional	2	2,4	4,0	70,0
	Pulseira eletrónica	2	2,4	4,0	74,0
	Pena suspensa	6	7,1	12,0	86,0
	Apresentações semanais	1	1,2	2,0	88,0
	Precária	3	3,6	6,0	94,0
	Regime aberto	2	2,4	4,0	98,0
	Trabalho comunitário	1	1,2	2,0	100,0
	Total	50	59,5	100,0	
Missing	System	34	40,5		
Total		84	100,0		

Anexo B – Questionários Aplicados

Participante _____

Escala de Distorções Cognitivas

(Briere, 2000; traduzido por Saramago, Almeida & Soeiro, 2011)

Quase todas as pessoas possuem pensamentos negativos relativamente a si mesmas ou à sua vida num determinado momento. Este questionário averigua a frequência com que você apresenta alguns destes pensamentos. Em baixo encontra-se uma lista de frases. Leia cada frase com atenção e indique com que frequência teve o pensamento ou sentimento em questão, **durante o último mês**, fazendo um círculo à volta do número correspondente da seguinte escala:

1	2	3	4	5
Nunca	Raramente	Às vezes	Com frequência	Quase sempre

Leia cada frase cuidadosamente antes de responder e responda de forma mais **honest**a possível. Se precisar de alterar uma resposta, coloque um X sobre o número incorreto e assinale com um círculo o número correto.

1	Humilhar-se.	1	2	3	4	5
2	Culpar-se a si mesmo/a por algo que lhe aconteceu.	1	2	3	4	5
3	Sentir que não pode fazer nada para melhorar a sua situação.	1	2	3	4	5
4	Sentir-se impotente.	1	2	3	4	5
5	Esperar ser maltratado/a pelas outras pessoas.	1	2	3	4	5
6	Odiar-se a si mesmo/a.	1	2	3	4	5
7	Dizer a si mesmo/a que tem aquilo que merece quando algo negativo lhe aconteceu.	1	2	3	4	5
8	Sentir que não tem muito controlo sobre o que lhe acontece.	1	2	3	4	5
9	Pensar que as coisas nunca serão favoráveis para si.	1	2	3	4	5

Distorções Cognitivas

10	Sentir que o mundo é perigoso.	1	2	3	4	5
11	Criticar-se a si mesmo/a.	1	2	3	4	5
12	Estar zangado/a consigo mesmo/a por ter sido magoado/a por alguém.	1	2	3	4	5
13	Sentir-se como se não houvesse muita coisa que pudesse fazer para melhorar as condições da sua vida.	1	2	3	4	5
14	Não ter esperança no futuro.	1	2	3	4	5
15	Esperar más notícias.	1	2	3	4	5
16	Chamar nomes a si mesmo/a.	1	2	3	4	5
17	Pensar que mereceu algo negativo que lhe aconteceu.	1	2	3	4	5
18	Não ter nenhum controlo sobre a sua vida.	1	2	3	4	5
19	Pensar que a sua vida nunca vai melhorar.	1	2	3	4	5
20	Pensar que alguém irá magoá-lo/a.	1	2	3	4	5
21	Não gostar de si mesmo/a.	1	2	3	4	5
22	Culpar-se a si mesmo/a pelos seus problemas.	1	2	3	4	5
23	Pensar que não há vantagem em tentar mudar as coisas.	1	2	3	4	5
24	Pensar que as circunstâncias não vão melhorar.	1	2	3	4	5
25	Esperar o pior dos outros.	1	2	3	4	5
26	Sentir-se pouco atraente.	1	2	3	4	5
27	Sentir-se envergonhado/a por algo que lhe aconteceu.	1	2	3	4	5
28	Sentir que coisas negativas lhe acontecem, não importa o seu esforço para preveni-las.	1	2	3	4	5
29	Sentir que não vai ter um grande futuro.	1	2	3	4	5
30	Pensar o pior quando alguém lhe diz que tem algo para lhe dizer.	1	2	3	4	5
31	Humilhar-se na presença de outras pessoas.	1	2	3	4	5
32	Sentir-se culpado/a por algo que lhe fizeram.	1	2	3	4	5
33	Sentir que não tem controlo sobre o que acontece na sua vida.	1	2	3	4	5
34	Pensar que a sua vida nunca vai ficar melhor.	1	2	3	4	5

Distorções Cognitivas

35	Pensar que os outros tentaram aproveitar-se de si.	1	2	3	4	5
36	Chamar estúpido/a ou feio/a a si mesmo.	1	2	3	4	5
37	Culpar-se a si mesmo/a por alguma coisa, mesmo que provavelmente a culpa não tenha sido sua.	1	2	3	4	5
38	Sentir que não tem muitas escolhas de vida.	1	2	3	4	5
39	Sentir-se desesperado/a em relação ao futuro.	1	2	3	4	5
40	Esperar ser criticado/a ou humilhado/a injustamente.	1	2	3	4	5

Participante ____

Índice de Reatividade Interpessoal

(Davis, 1980; adaptado por Limpo, Alves & Castro, 2010)

As frases seguintes pretendem avaliar os seus pensamentos e sentimentos numa variedade de situações. Para cada item pense até que ponto cada um o descreve, escolhendo o número apropriado da seguinte escala:

0	1	2	3	4
Não me descreve bem				Descreve-me bem

Escolha e assinale com um círculo o número que melhor reflete a opinião que tem a seu respeito, em frente a cada frase. **Leia cada frase cuidadosamente antes de responder.**

Responda da forma mais **honest**a possível. Se precisar de alterar uma resposta, coloque um X sobre o número incorreto e assinale com um círculo o numero correto.

1	Tenho muitas vezes sentimentos de ternura e preocupação pelas pessoas menos afortunadas do que eu.	0	1	2	3	4
2	De vez em quando tenho dificuldade em ver as coisas do ponto de vista dos outros.	0	1	2	3	4
3	Às vezes, não sinto muita pena quando as outras pessoas estão a ter problemas.	0	1	2	3	4
4	Facilmente me deixo envolver nos sentimentos das personagens de um romance.	0	1	2	3	4
5	Em situações de emergência, sinto-me desconfortável e apreensivo/apreensiva.	0	1	2	3	4
6	Habitualmente mantenho a objectividade ao ver um filme ou um teatro e não me deixo envolver por completo.	0	1	2	3	4
7	Quando há desacordo, tento atender a todos os pontos de vista antes de tomar uma decisão.	0	1	2	3	4

Distorções Cognitivas

8	Quando vejo que se estão a aproveitar de uma pessoa, sinto vontade de a proteger.	0	1	2	3	4
9	Por vezes, tento compreender melhor os meus amigos imaginando a sua perspectiva de ver as coisas.	0	1	2	3	4
10	É raro ficar completamente envolvido/envolvida num bom livro ou filme.	0	1	2	3	4
11	Quando vejo alguém ficar ferido, tendo a permanecer calmo/calma.	0	1	2	3	4
12	As desgraças dos outros não me costumam perturbar muito.	0	1	2	3	4
13	Depois de ver um filme ou um teatro, sinto-me como se tivesse sido uma das personagens.	0	1	2	3	4
14	Estar numa situação emocional tensa assusta-me.	0	1	2	3	4
15	Geralmente sou muito eficaz a lidar com emergências.	0	1	2	3	4
16	Fico muitas vezes emocionado/emocionada com coisas que vejo acontecer.	0	1	2	3	4
17	Acredito que uma questão tem sempre dois lados e tento olhar para ambos.	0	1	2	3	4
18	Descrever-me-ia como uma pessoa de coração mole.	0	1	2	3	4
19	Quando vejo um bom filme, consigo facilmente pôr-me no lugar do protagonista.	0	1	2	3	4
20	Tendo a perder o controlo em situações de emergência.	0	1	2	3	4
21	Quando estou aborrecido/aborrecida com alguém, geralmente tento pôr-me no seu lugar por um momento.	0	1	2	3	4
22	Quando estou a ler uma história ou um romance interessante, imagino como me sentiria se aqueles acontecimentos se tivessem passado comigo.	0	1	2	3	4
23	Quando vejo alguém numa emergência a precisar muito de ajuda, fico completamente perdido/perdida.	0	1	2	3	4
24	Antes de criticar alguém, tento imaginar como me sentiria se estivesse no seu lugar.	0	1	2	3	4

Dados Sociodemográficos Amostra Forense

Dados sócio – demográficos

Idade: _____

Habilitações literárias: _____

Estado Civil: _____

Tempo de pena: _____

Tipologia de crime:

- Crimes contra as pessoas (homicídios, sequestros, raptos, crimes sexuais...)
- Crimes contra o património (roubo, furto, assaltos a bancos, crimes com armas de fogo)
- Crimes de tráfico de estupefaciente
- Crimes contra a vida em sociedade (incêndios, falsificação...)

Primário: Sim Não

Reincidente: Sim Não

Se sim, já usufruiu de que medidas alternativas à pena de prisão? _____

Dados Sociodemográficos Amostra Normativa

Dados sócio – demográficos

Idade: _____

Habilitações literárias: _____

Curso: _____

Estado Civil: _____

Anexo C – Termo de Consentimento Informado**Consentimento Informado**

O presente estudo tem como objectivo estudar a relação entre crenças que temos acerca do mundo e as pessoas, e o nosso comportamento. Para esse fim contamos com a sua colaboração no preenchimento de quatro questionários que abordam essas mesmas crenças e comportamentos. Estima-se que o total de tempo despendido não exceda os 20 minutos.

A participação no presente estudo poderá proporcionar um contributo importante para o conhecimento científico destes processos na área da Psicologia.

Pedimos-lhe que responda de uma forma o mais honesta possível, tendo em conta que não há respostas certas ou erradas em nenhum dos questionários.

De acordo com as normas da Comissão de Protecção de Dados, os dados recolhidos são anónimos, sendo toda a informação tratada e analisada colectivamente. Toda a informação recolhida poderá ser usada apenas para efeitos educativos e/ou divulgação científica.

Este estudo tem um carácter voluntário. Terá sempre a possibilidade de negar a sua participação ou de se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer penalização.

Desde já agradecemos a sua colaboração e não hesite em colocar as suas dúvidas.

Caso pretenda algum esclarecimento adicional, por favor entre em contacto com a aluna de Mestrado responsável por este estudo: Inês Silva (ines.silva_89@hotmail.com).

O estudo foi-me explicado, compreendi que a minha participação é voluntária e que sou livre de não continuar a mesma sem qualquer prejuízo. Além disso, compreendi que a confidencialidade dos meus dados pessoais será assegurada. Após ter lido e compreendido a informação anteriormente mencionada, declaro que aceito participar neste estudo.

Sim, concordo

Não concordo

Assinatura: _____

Data: _____

Obrigada pela sua participação!

Anexo D – Debriefing

Debriefing

No âmbito do Mestrado em Psicologia Comunitária e Protecção de Menores, do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE-IUL), encontramos-nos a desenvolver um estudo conjuntamente com a Escola de Polícia Judiciária. Esse estudo insere-se na área forense, nomeadamente na área dos crimes sexuais violentos. Apesar dos inúmeros estudos focados nas vítimas, são poucos os estudos acerca dos agressores, sendo por isso importante alargar o conhecimento também a estes, de modo a ser possível traçar um perfil dos mesmos, numa perspectiva de prevenção e tratamento.

O presente estudo tem como objectivo compreender de que modo um conjunto de variáveis de natureza psicológica relacionam entre si e com o comportamento sexual agressivo. Para tal, pretendemos recolher dados acerca dessas variáveis, recorrendo a uma amostra forense (de indivíduos a cumprirem pena de prisão) e a uma amostra normativa que servirá de comparação, na qual se insere a vossa participação. Os questionários respondidos servem para medir as variáveis acima descritas, tendo sido muito importante a vossa colaboração no preenchimento dos mesmos na medida em que os dados, tal como já referido, serão comparados com os da amostra forense, o que nos permitirá obter conclusões acerca da relação entre as variáveis no que diz respeito à passagem ao acto de um crime sexual violento.

Novamente agradecemos a vossa participação, sem a qual seria difícil alcançar os objectivos pretendidos.

Anexo E – Análise Fatorial Exploratória e Consistência Interna da Escala de Distorções Cognitivas

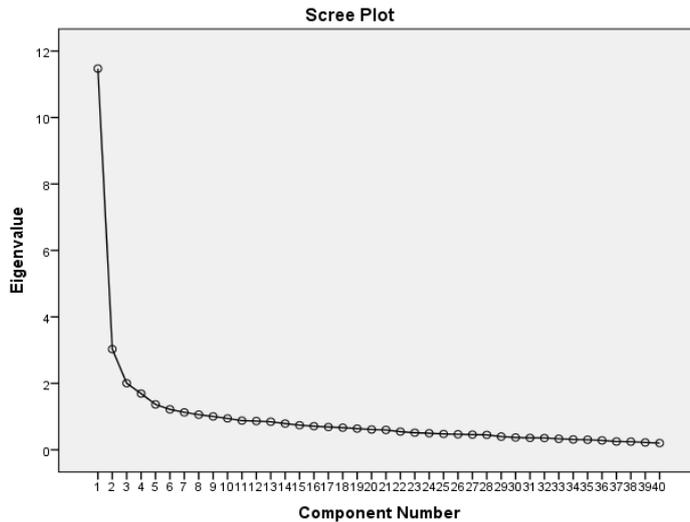
KMO and Bartlett's Test

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		,908
Bartlett's Test of Sphericity	Approx. Chi-Square	4600,792
	df	780
	Sig.	,000

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	11,473	28,682	28,682	11,473	28,682	28,682	6,555	16,388	16,388
2	3,028	7,570	36,252	3,028	7,570	36,252	4,428	11,070	27,458
3	2,004	5,010	41,263	2,004	5,010	41,263	3,722	9,304	36,762
4	1,692	4,230	45,493	1,692	4,230	45,493	3,492	8,730	45,493
5	1,366	3,415	48,908						
6	1,219	3,047	51,954						
7	1,127	2,818	54,772						
8	1,058	2,645	57,417						
9	1,005	2,513	59,930						
10	,944	2,360	62,290						
11	,879	2,197	64,487						
12	,865	2,163	66,650						
13	,845	2,113	68,763						
14	,790	1,974	70,737						
15	,742	1,854	72,591						
16	,712	1,780	74,372						
17	,688	1,721	76,092						
18	,668	1,669	77,762						
19	,638	1,595	79,357						
20	,611	1,527	80,884						
21	,598	1,496	82,379						
22	,548	1,369	83,749						
23	,515	1,288	85,037						
24	,499	1,247	86,284						
25	,477	1,192	87,476						
26	,468	1,170	88,646						
27	,458	1,144	89,791						
28	,450	1,124	90,915						
29	,398	,994	91,909						
30	,370	,925	92,834						
31	,360	,899	93,733						
32	,356	,890	94,623						
33	,332	,830	95,453						
34	,312	,779	96,231						
35	,304	,759	96,991						
36	,284	,709	97,700						
37	,250	,626	98,325						
38	,246	,616	98,941						
39	,222	,555	99,496						
40	,202	,504	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.



Rotated Component Matrix^a

	Component			
	1	2	3	4
Humilhar-se			.576	
Culpar-se a si mesmo por algo que lhe aconteceu			.581	
Sentir que não pode fazer nada para melhorar a sua situação			.590	
Sentir-se impotente			.579	
Esperar ser maltratado pelas outras pessoas				.603
Odiar-se a si mesmo		.594		
Dizer a si mesmo que tem aquilo que merece quando algo negativo lhe aconteceu				
Sentir que não tem muito controlo sobre o que lhe acontece				
Pensar que as coisas nunca serão favoráveis para si		.588		
Sentir que o mundo é perigoso		.519		
Criticar-se a si mesmo			.529	
Estar zangado consigo mesmo por ter sido magoado por alguém	.617			
Sentir-se como se não houvesse muita coisa que pudesse fazer para melhorar as condições da sua vida	.729			
Não ter esperança no futuro				.620
Esperar más notícias				
Chamar nomes a si mesmo				.620
Pensar que mereceu algo negativo que lhe aconteceu				
Não ter nenhum controlo sobre a sua vida	.568			
Pensar que a sua vida nunca vai melhorar	.768			
Pensar que alguém irá magoá-lo		.628		
Não gostar de si mesmo				.665
Culpar-se a si mesmo pelos seus problemas		.535		
Pensar que não há vantagem em tentar mudar as coisas				
Pensar que as circunstâncias não vão melhorar	.586			
Esperar o pior dos outros				
Sentir-se pouco atraente				
Sentir-se envergonhado por algo que lhe aconteceu				
Sentir que coisas negativas lhe acontecem, não importa o seu esforço para preveni-las	.506			
Sentir que não vai ter um grande futuro	.788			
Pensar o pior quando alguém lhe diz que tem algo para lhe dizer				
Humilhar-se na presença de outras pessoas				
Sentir-se culpado por algo que lhe fizeram				
Sentir que não tem controlo sobre o que acontece na sua vida	.612			
Pensar que a sua vida nunca vai ficar melhor	.737			
Pensar que os outros tentaram aproveitar-se de si		.578		
Chamar estúpido ou feio a si mesmo				.645
Culpar-se a si mesmo por alguma coisa, mesmo que provavelmente a culpa não tenha sido sua		.545		
Sentir que não tem muitas escolhas de vida	.689			
Sentir-se desesperado em relação ao futuro	.710			
Esperar ser criticado ou humilhado injustamente				

Extraction Method: Principal Component Analysis.
 Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.
 a. Rotation converged in 11 iterations.

Consistência Interna Desamparo e Desespero (Fator 1)

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	273	95,8
	Excluded ^a	12	4,2
	Total	285	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,888	,888	11

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Sentir-se como se não houvesse muita coisa que pudesse fazer para melhorar as condições da sua vida	18,61	57,202	,599	,428	,879
Não ter esperança no futuro	18,94	55,338	,684	,516	,873
Chamar nomes a si mesmo	18,92	63,391	,254	,135	,899
Pensar que a sua vida nunca vai melhorar	19,03	56,311	,698	,567	,872
Pensar que as circunstâncias não vão melhorar	19,05	58,078	,617	,402	,877
Sentir que coisas negativas lhe acontecem, não importa o seu esforço para preveni-las	18,74	58,901	,525	,349	,883
Sentir que não vai ter um grande futuro	19,07	56,425	,739	,592	,870
Sentir que não tem controlo sobre o que acontece na sua vida	18,88	59,176	,562	,340	,881
Pensar que a sua vida nunca vai ficar melhor	19,11	56,319	,714	,571	,871
Sentir que não tem muitas escolhas de vida	18,86	57,289	,630	,459	,876
Sentir-se desesperado em relação ao futuro	18,82	56,192	,678	,504	,873

Consistência Interna Pessimismo (Fator 2)

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	278	97,5
	Excluded ^a	7	2,5
	Total	285	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,766	,767	7

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Dizer a si mesmo que tem aquilo que merece quando algo negativo lhe aconteceu	14,71	21,269	,526	,302	,728
Sentir que o mundo é perigoso	14,23	21,414	,437	,271	,748
Criticar-se a si mesmo	14,28	21,439	,490	,295	,736
Pensar que alguém irá magoá-lo	14,80	21,935	,496	,264	,735
Culpar-se a si mesmo pelos seus problemas	14,46	21,325	,515	,314	,730
Pensar que os outros tentaram aproveitar-se de si	14,40	21,756	,472	,310	,739
Culpar-se a si mesmo por alguma coisa, mesmo que provavelmente a culpa não tenha sido sua	14,87	22,349	,464	,264	,741

Consistência Interna Visão Negativa (Fator 3)

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	269	94,4
	Excluded ^a	16	5,6
	Total	285	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,679	,677	5

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Humilhar-se	8,65	11,295	,381	,151	,650
Sentir que não pode fazer nada para melhorar a sua situação	7,77	9,954	,411	,177	,640
Sentir-se impotente	7,99	9,074	,538	,312	,577
Esperar ser maltratado pelas outras pessoas	8,70	11,457	,361	,135	,657
Estar zangado consigo mesmo por ter sido magoado por alguém	8,01	9,608	,481	,269	,606

Consistência Interna Auto-Criticismo (Fator 4)

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	276	96,8
	Excluded ^a	9	3,2
	Total	285	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,693	,698	3

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Odiar-se a si mesmo	3,37	2,909	,530	,306	,574
Chamar nomes a si mesmo	3,01	2,749	,447	,201	,688
Não gostar de si mesmo	3,39	2,835	,556	,326	,542

Anexo F – Análise Fatorial Exploratória e Consistência Interna do Índice de Reatividade Interpessoal

KMO and Bartlett's Test

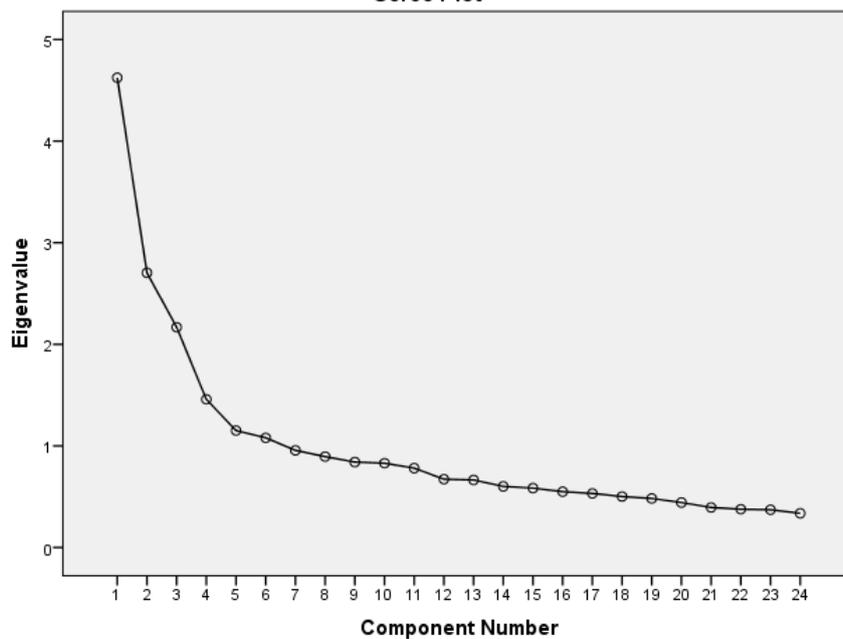
Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		,802
Bartlett's Test of Sphericity	Approx. Chi-Square	1628,726
	df	276
	Sig.	,000

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	4,624	19,268	19,268	4,624	19,268	19,268	3,937	16,405	16,405
2	2,704	11,266	30,534	2,704	11,266	30,534	2,601	10,837	27,242
3	2,169	9,036	39,569	2,169	9,036	39,569	2,303	9,596	36,838
4	1,458	6,076	45,645	1,458	6,076	45,645	2,114	8,807	45,645
5	1,151	4,796	50,442						
6	1,080	4,499	54,941						
7	,956	3,984	58,925						
8	,895	3,729	62,653						
9	,841	3,503	66,156						
10	,830	3,458	69,614						
11	,781	3,255	72,869						
12	,673	2,802	75,671						
13	,665	2,769	78,441						
14	,601	2,506	80,947						
15	,584	2,435	83,382						
16	,549	2,289	85,671						
17	,532	2,217	87,888						
18	,502	2,091	89,978						
19	,482	2,010	91,988						
20	,443	1,844	93,833						
21	,394	1,642	95,475						
22	,377	1,572	97,047						
23	,372	1,549	98,596						
24	,337	1,404	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Scree Plot



Rotated Component Matrix^a

	Component			
	1	2	3	4
Tenho muitas vezes sentimentos de ternura e preocupação pelas pessoas menos afortunadas do que eu				
De vez em quando tenho dificuldade em ver as coisas do ponto de vista dos outros		-.554		
Às vezes não sinto muita pena quando as outras pessoas estão a ter problemas				.544
Facilmente me deixo envolver nos sentimentos das personagens de um romance			.570	
Em situações de emergência, sinto-me desconfortável e apreensivo		.575		
Habitualmente mantenho a objetividade ao ver um filme ou um teatro e não me deixo envolver por completo				.535
Quando há desacordo, tento atender a todos os pontos de vista antes de tomar uma decisão	.589			
Quando vejo que se estão a aproveitar de uma pessoa, sinto vontade de a proteger	.691			
Por vezes, tento compreender melhor os meus amigos imaginando a sua perspetiva de ver as coisas	.691			
É raro ficar completamente envolvido num bom livro ou filme				.576
Quando vejo alguém ficar ferido, tento a permanecer calmo				
As desgraças dos outros não me costumam perturbar muito				.651
Depois de ver um filme ou um teatro, sinto-me como se tivesse sido umas das personagens			.765	
Estar numa situação emocional tensa assusta-me		-.569		
Geralmente sou muito eficaz a lidar com emergências				
Fico muitas vezes emocionado com coisas que vejo acontecer	.711			
Acredito que uma questão tem sempre dois lados e tento olhar para ambos	.544			
Descrever-me-ia como uma pessoa de coração mole			.769	
Quando vejo um bom filme, consigo facilmente pôr-me no lugar do protagonista		.773		
Tendo a perder o controlo em situações de emergência	.628			
Quando estou aborrecido com alguém, geralmente tento pôr-me no seu lugar por um momento			.595	
Quando estou a ler uma história ou um romance interessante, imagino como me sentiria se aqueles acontecimentos se tivessem passado comigo		.736		
Quando vejo alguém numa emergência a precisar muito de ajuda, fico completamente perdido	.618			
Antes de criticar alguém, tento imaginar como me sentiria se estivesse no seu lugar				

Extraction Method: Principal Component Analysis.
 Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.
 a. Rotation converged in 5 iterations.

Consistência Interna Tomada de Perspetiva (Fator 1)

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	277	97,2
	Excluded ^a	8	2,8
	Total	285	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,788	,794	7

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Quando há desacordo, tento atender a todos os pontos de vista antes de tomar uma decisão	17,30	19,651	,478	,306	,768
Quando vejo que se estão a aproveitar de uma pessoa, sinto vontade de a proteger	16,99	19,960	,528	,312	,759
Por vezes, tento compreender melhor os meus amigos imaginando a sua perspetiva de ver as coisas	17,22	19,851	,570	,361	,752
Acredito que uma questão tem sempre dois lados e tento olhar para ambos	17,28	19,138	,617	,406	,742
Descrever-me-ia como uma pessoa de coração mole	17,58	19,136	,447	,222	,777
Quando estou aborrecido com alguém, geralmente tento pôr-me no seu lugar por um momento	17,88	18,912	,511	,290	,762
Antes de criticar alguém, tento imaginar como me sentiria se estivesse no seu lugar	17,62	19,468	,489	,274	,766

Consistência Interna Angústia Pessoal (Fator 2)

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	276	96,8
	Excluded ^a	9	3,2
	Total	285	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha ^a	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items ^a	N of Items
-,261	-,276	5

a. The value is negative due to a negative average covariance among items. This violates reliability model assumptions. You may want to check item codings.

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
De vez em quando tenho dificuldade em ver as coisas do ponto de vista dos outros	7,25	7,175	-,274	,128	,068
Em situações de emergência, sinto-me desconfortável e apreensivo	7,23	4,970	,025	,208	-,424 ^a
Estar numa situação emocional tensa assusta-me	7,34	8,051	-,388	,223	,236
Tendo a perder o controlo em situações de emergência	8,00	4,356	,191	,329	-,742 ^a
Quando vejo alguém numa emergência a precisar muito de ajuda, fico completamente perdido	7,85	4,389	,116	,331	-,635 ^a

a. The value is negative due to a negative average covariance among items. This violates reliability model assumptions. You may want to check item codings.

Consistência Interna Fantasia (Fator 3)

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	270	94,7
	Excluded ^a	15	5,3
	Total	285	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,632	,690	4

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Facilmente me deixo envolver nos sentimentos das personagens de um romance	5,70	9,943	,319	,108	,718
Depois de ver um filme ou um teatro, sinto-me como se tivesse sido umas das personagens	6,04	13,240	,461	,315	,539
Quando vejo um bom filme, consigo facilmente pôr-me no lugar do protagonista	5,69	13,158	,530	,360	,506
Quando estou a ler uma história ou um romance interessante, imagino como me sentiria se aqueles acontecimentos se tivessem passado comigo	5,26	13,256	,484	,263	,528

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	273	95,8
	Excluded ^a	12	4,2
	Total	285	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,718	,719	3

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Depois de ver um filme ou um teatro, sinto-me como se tivesse sido umas das personagens	4,16	4,834	,543	,313	,622
Quando vejo um bom filme, consigo facilmente pôr-me no lugar do protagonista	3,82	4,962	,588	,350	,569
Quando estou a ler uma história ou um romance interessante, imagino como me sentiria se aqueles acontecimentos se tivessem passado comigo	3,38	5,245	,484	,239	,692

Consistência Interna Preocupação Empática (Fator 4)

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	272	95,4
	Excluded ^a	13	4,6
	Total	285	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,554	,557	4

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Às vezes não sinto muita pena quando as outras pessoas estão a ter problemas	7,24	7,373	,299	,122	,519
É raro ficar completamente envolvido num bom livro ou filme	7,39	7,456	,364	,151	,461
As desgraças dos outros não me costumam perturbar muito	7,07	7,386	,390	,162	,440
Habitualmente mantenho a objetividade ao ver um filme ou um teatro e não me deixo envolver por completo	7,61	7,907	,306	,125	,508

Anexo G – Diferenças das Distorções entre as Amostras

Group Statistics

	Amostra universitária vs. Amostra forense	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
Desespero e Desamparo	Amostra Universitária	196	19,09	7,460	,533
	Amostra Forense	77	24,32	9,811	1,118
Pessimismo	Amostra Universitária	196	15,56	4,708	,336
	Amostra Forense	81	20,16	5,112	,568
Auto-Criticismo	Amostra Universitária	198	5,52	2,432	,173
	Amostra Forense	80	6,06	1,983	,222

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
Desespero e Desamparo	Equal variances assumed	13,445	,000	-4,752	271	,000	-5,233	1,101	-7,401	-3,065
	Equal variances not assumed			-4,225	112,194	,000	-5,233	1,239	-7,687	-2,779
Pessimismo	Equal variances assumed	,772	,381	-7,210	275	,000	-4,599	,638	-5,855	-3,344
	Equal variances not assumed			-6,967	138,903	,000	-4,599	,660	-5,904	-3,294
Auto-Criticismo	Equal variances assumed	,830	,363	-1,787	276	,075	-,547	,306	-1,150	,056
	Equal variances not assumed			-1,947	177,866	,053	-,547	,281	-1,102	,007

Anexo H – Efeito das Distorções e Empatia no Comportamento Sexual Agressivo

Case Processing Summary

Unweighted Cases ^a		N	Percent
Selected Cases	Included in Analysis	59	70.2
	Missing Cases	25	29.8
	Total	84	100.0
Unselected Cases		0	.0
Total		84	100.0

a. If weight is in effect, see classification table for the total number of cases.

Dependent Variable Encoding

Original Value	Internal Value
Outros crimes	0
Crimes violentos	1

Classification Table^{a, b}

Observed			Predicted		
			Tipologia de crime		Percentage Correct
			Outros crimes	Crimes violentos	
Step 0	Tipologia de crime	Outros crimes	0	19	.0
		Crimes violentos	0	40	100.0
Overall Percentage					67.8

a. Constant is included in the model.

b. The cut value is .500

Variables in the Equation

		B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)
Step 0	Constant	.744	.279	7.139	1	.008	2.105

Efeito Preditor das Distorções

Model Summary

Step	-2 Log likelihood	Cox & Snell R Square	Nagelkerke R Square
1	71.652 ^a	.041	.058

a. Estimation terminated at iteration number 4 because parameter estimates changed by less than .001.

Variables in the Equation

		B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)
Step 1 ^a	CDS_Desespero_Desamparo	-.138	.228	.364	1	.546	.871
	CDS_Pessimismo	-.341	.264	1.668	1	.197	.711
	CDS_Auto_criticismo	-.275	.256	1.152	1	.283	.759
	Constant	1.007	.359	7.849	1	.005	2.737

a. Variable(s) entered on step 1: CDS_Desespero_Desamparo, CDS_Pessimismo, CDS_Auto_criticismo.

Efeito Preditor da Empatia

Model Summary

Step	-2 Log likelihood	Cox & Snell R Square	Nagelkerke R Square
1	68.379 ^a	.093	.130

a. Estimation terminated at iteration number 4 because parameter estimates changed by less than .001.

Variables in the Equation

		B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)
Step 1 ^a	CDS_Desespero_Desamparo	-.092	.236	.151	1	.697	.912
	CDS_Pessimismo	-.178	.292	.372	1	.542	.837
	CDS_Auto_criticismo	-.308	.273	1.275	1	.259	.735
	IRI_Perpetiva	-.494	.299	2.727	1	.099	.610
	IRI_Fantasia	.129	.290	.197	1	.657	1.138
	Constant	1.080	.390	7.662	1	.006	2.945

a. Variable(s) entered on step 1: IRI_Perpetiva, IRI_Fantasia.